UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE TANGARÁ DA SERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM ESTUDOS LITERÁRIOS
MESTRADO ACADÊMICO

ELCE NUNES NOGUEIRA DA COSTA

PODER E ESTÉTICA NARRATIVA EM *A RAINHA GINGA*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

TANGARÁ DA SERRA – MT
2024

ELCE NUNES NOGUEIRA DA COSTA

PODER E ESTÉTICA NARRATIVA EM *A RAINHA GINGA*, DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Estudos Literários – PPGEL, da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT – como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Estudos Literários, na área de Letras. Linha de pesquisa: Literatura, história e memória cultural.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Vera Lúcia da Rocha Maquêa

TANGARÁ DA SERRA – MT

2024

© By Natália Aparecida Siveti Moretti

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial desta dissertação, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

Nogueira, Elce Nunes Nogueira da Costa e.
Poder e estética narrativa em A Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa / Elce Nunes Nogueira da Costa e Nogueira. - Tangará da Serra, 2024.
85f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Estudos Literários/TGA-PPGEL - Tangará da Serra - Mestrado Academico, Campus Universitário De Tangará Da Serra "Eugênio Carlos Stieler".
Orientadora: Dra. Vera Lúcia da Rocha Maquêa.

1. Literatura Africana. 2. Narrativa e Poder. 3. Virilização Feminina. I. Maquêa, Vera Lúcia da Rocha, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 821.134.3(673).09

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca Regional de Tangará da Serra

ELCE NUNES NOGUEIRA DA COSTA

PODER E ESTÉTICA NARRATIVA EM *A RAINHA GINGA – E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O MUNDO,* DE JOSÉ EDUARDO AGUALUSA

Dissertação de mestrado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de mestre em Estudos Literários.

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof. ª Dr. ª Vera Lúcia da Rocha Maquêa
UNEMAT – Universidade do Estado do de Mato Grosso
(Orientadora e Presidente da Banca)

_____

Prof. ª Dr. ª Marinei Almeida
UNEMAT – Universidade do Estado do de Mato Grosso
(Examinadora interna)

_____

Prof. ª Dr.ª Norma Sueli Rosa Lima
UERJ – Universidade do Estado do Rio de Janeiro
(Examinadora externa)

Aprovado em 01/ 04 /2024

TANGARÁ DA SERRA – MT

2024

"Moças das Docas"
Noêmia de Souza

Somos fugitivas de todos os bairros de zinco e caniço,
Fugitivas das Munhuanas e dos Xipamanines,
viemos do outro lado da cidade
com nossos olhos espantados,
nossas almas trancadas,
nossos corpos submissos escancarados.
De mãos ávidas e vazias,
de ancas bamboleantes lâmpadas vermelhas se acendendo,
de corações amarrados de repulsa,
descemos atraídas pelas luzes da cidade,
acenando convites aliciantes
como sinais luminosos na noite,

Viemos…
Fugitivas dos telhados de zinco pingando cacimba,
do sem sabor do caril de amendoim quotidiano,
do doer de espádua todo o dia vergadas
sobre sedas que outros exibirão,
dos vestidos desbotados de chita,
da certeza terrível do dia de amanhã
retrato fiel do que passou,
sem uma pincelada verde forte
falando de esperança.

Viemos…
E para além de tudo,
por sobre Índico de desespero e revoltas,
fatalismos e repulsas,
trouxemos esperança.
Esperança de que a xituculumucumba já não virá
em noites infindáveis de pesadelo,
sugar com seus lábios de velha
nossos estômagos esfarrapados de fome,
E viemos….
Oh sim, viemos!
Sob o chicote da esperança,
nossos corpos capulanas quentes
embrulharam com carinho marítimos nómadas de outros portos,
saciaram generosamente fomes e sedes violentas…
Nossos corpos pão e água para toda a gente.

Viemos…
Ai, mas nossa esperança
venda sobre nossos olhos ignorantes,
partiu desfeita no olhar enfeitiçado de mar
dos homens loiros e tatuados de portos distantes,
partiu no desprezo e no asco salivado
das mulheres de aro de oiro no dedo,
partiu na crueldade fria e tilintante das moedas de cobre
substituindo as de prata,
partiu na indiferença sombria da caderneta…

E agora, sem desespero nem esperança,
seremos em breve fugitivas das ruas marinheiras da cidade…

E regressaremos,
Sombrias, corpos floridos de feridas incuráveis,
rangendo dentes apodrecidos de tabaco e álcool, voltaremos aos telhados de zinco
pingando cacimba,
ao sem sabor do caril de amendoim
e ao doer do corpo todo, mais cruel, mais insuportável…

Mas não é a piedade que pedimos, vida!
Não queremos piedade
daqueles que nos roubaram e nos mataram
valendo-se de nossas almas ignorantes e de nossos corpos macios! Piedade não trará de
volta nossas ilusões
de felicidade e segurança,
não nos dará os filhos e o luar que ambicionávamos.
Piedade não é para nós.

Agora, vida, só queremos que nos dês esperança
para aguardar o dia luminoso que se avizinha
quando mãos molhadas de ternura vierem
erguer nossos corpos doridos submersos no pântano,
quando nossas cabeças se puderem levantar novamente
com dignidade
e formos novamente mulheres!

RESUMO

Esta dissertação examina as relações entre virilidade, poder e estética narrativa no romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, enfocando a temática da virilização do gênero feminino. O objetivo geral é explorar como a literatura, através da obra de Agualusa, oferece uma interpretação histórica das relações de gênero e poder. A metodologia adotada é uma revisão de literatura qualitativa exploratória, utilizando-se de análises literárias detalhadas e contextualizações históricas para aprofundar o entendimento da obra. *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* vai além de um simples romance, atuando como uma narrativa que desafia as normas de gênero e encoraja uma reflexão sobre a virilidade feminina em um contexto histórico e literário. Este estudo destaca a habilidade de Agualusa em recriar a figura histórica da Rainha Ginga, transformando-a em um símbolo eterno de luta pela dignidade e liberdade. Através de sua narrativa, Agualusa não apenas reverencia o passado, mas também desafia a narrativa histórica predominante, promovendo uma compreensão renovada do papel das mulheres no espectro do poder. Esta obra entrelaça história, literatura e memória, enriquecendo a literatura angolana contemporânea e fornecendo contribuições significativas para o estudo global de gênero, empoderamento e afrocentrismo. Assim, *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* é um veículo essencial para a discussão de gênero, poder e identidade, demonstrando o poder da literatura na compreensão e reinterpretação da história.

Palavras-Chave: Literatura Africana. Narrativa e poder. Virilização Feminina.

ABSTRACT

This dissertation examines the relationships between virility, power, and narrative aesthetics in José Eduardo Agualusa's novel *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, focusing on the theme of the virilization of the feminine gender. The general objective is to explore how literature, through Agualusa's work, offers a historical interpretation of gender and power relations. The adopted methodology is an exploratory qualitative literature review, using detailed literary analyses and historical contextualizations to deepen the understanding of the work. *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* goes beyond a simple novel, acting as a narrative that challenges gender norms and encourages reflection on female virility in a historical and literary context. This study highlights Agualusa's ability to recreate the historical figure of Queen Ginga, transforming her into an eternal symbol of struggle for dignity and freedom. Through his narrative, Agualusa not only reveres the past but also challenges the prevailing historical narrative, promoting a renewed understanding of women's role in the spectrum of power. This work interweaves history, literature, and memory, enriching contemporary Angolan literature and providing significant contributions to the global study of gender, empowerment, and Afrocentrism. Thus *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* is an essential vehicle for the discussion of gender, power, and identity, demonstrating the power of literature in understanding and reinterpreting history.

Keywords: African Literature. Narrative and Power. Feminine Virilization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 8
1 REPRESENTAÇÃO DA RAINHA GINGA E SUA FORMAÇÃO NO ROMANCE 11
1.1 A estética narrativa de Agualusa como instrumento de reinterpretação histórica 12
1.2 Consolidação da Rainha Ginga: da história à formação de um ícone literário 16
2 VIRILIZAÇÃO DO GÊNERO FEMININO E O PODER EM *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* 21
2.1 Contextualização histórica da Rainha Ginga 22
2.2 Análise das relações entre a virilização do gênero feminino e o exercício de poder no romance 26
3 FEMINISMO, MULHERISMO E VIRILIZAÇÃO DO PODER EM *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* 34
3.1 Perspectivas africanas em foco 34
3.2 Contribuições literárias para a discussão sobre gênero e empoderamento 40
4 ESTÉTICA NARRATIVA E TRAÇOS MARCANTES DA OBRA DE AGUALUSA 54
4.1 Análise das estratégias narrativas de Agualusa na construção da virilidade e poder em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* 55
4.2 A virilização da Rainha Ginga pelo narrador homem branco, padre e brasileiro: um ataque subversivo às normas de gênero 63
CONSIDERAÇÕES FINAIS 75
REFERÊNCIAS 81

INTRODUÇÃO

A presente dissertação propõe-se a realizar uma análise profunda das relações entre virilidade, poder e estética narrativa no romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, Este estudo busca lançar luz sobre um aspecto fundamental da literatura contemporânea que transcende as fronteiras geográficas e temporais, promovendo uma reflexão sobre como a ficção literária pode servir como um veículo para a compreensão e interpretação da história, especialmente no que diz respeito à representação das mulheres nesse contexto.

O objetivo central desta dissertação é explorar como a literatura, por meio da obra *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de Agualusa, torna-se um instrumento de análise e interpretação histórica dessas relações. A escolha deste tema justifica-se pela relevância e complexidade das questões envolvidas, visto que se apresenta como uma obra literária que permite uma abordagem singular para compreender uma figura histórica real e icônica.

Além disso, esta dissertação visa contribuir para o campo de estudos literários e históricos ao estabelecer um diálogo entre a literatura angolana contemporânea e as perspectivas globais sobre gênero e empoderamento, enriquecendo desse modo a discussão e ampliando o entendimento das dinâmicas do poder de gênero em contextos diversos.

A fim de delimitar este estudo, no primeiro capítulo, exploraremos a representação da Rainha Ginga e sua formação no romance. Para tanto, iremos além da mera análise textual comparando a Rainha Ginga do Congo e sua representação na obra de Agualusa. Investigaremos como a estética narrativa de Agualusa transforma-se em um instrumento poderoso de reinterpretação histórica, permitindo revisitar eventos do passado sob uma nova luz.

A figura da Rainha Ginga torna-se um exemplo marcante de como a literatura pode contribuir para reinterpretar e reimaginar a história, especialmente no que diz respeito ao papel das mulheres no poder. Além disso, será examinado como a obra de Agualusa contribui para a consolidação da Rainha Ginga como um ícone literário, destacando sua importância na literatura angolana contemporânea e no cenário literário internacional.

Percurso Metodológico

A abordagem metodológica escolhida nesta dissertação é a revisão bibliográfica. Conforme descrito por Apollinário (2011), esta metodologia envolve uma exploração criteriosa e organizada de resultados e conclusões provenientes de pesquisas anteriores relacionadas ao tema em foco. Estudos que empregam a revisão de literatura, também referidos como revisões bibliográficas, têm o propósito de organizar, comparar e sintetizar descobertas prévias em uma área específica de pesquisa. Eles são particularmente valiosos para pesquisadores que precisam de uma compreensão rápida e abrangente de um campo de estudo e seus contribuidores significativos.

De acordo com Marconi e Lakatos (2022, p. 31), o método científico é um conjunto de procedimentos por meio dos quais se propõem problemas científicos e colocam-se à prova hipóteses científicas. Seguindo esta definição, os métodos utilizados para a revisão bibliográfica neste estudo incorporarão uma pesquisa qualitativa exploratória.

A pesquisa qualitativa é uma modalidade de pesquisa na qual os dados são coletados por meio de interações sociais e analisados subjetivamente pelo pesquisador; enquanto a pesquisa quantitativa investiga fatos, a pesquisa qualitativa se ocupa com os fenômenos (Apollinário, 2011). Um fato é tudo o que pode ser objetivamente observado e definido por consenso social, enquanto um fenômeno é a interpretação subjetiva do fato.

Pesquisas exploratórias, conforme descritas por Lozada e Nunes (2018), têm o objetivo de aprofundar o conhecimento sobre o tema em questão. Este tipo de pesquisa permite ao pesquisador formular hipóteses relacionadas ao tema, elevando-lhe o grau de compreensão. Pesquisas exploratórias são frequentemente o ponto de partida para estudos mais detalhados, especialmente quando o tema é abrangente e exige delimitações e outras abordagens metodológicas.

Desse modo, o percurso metodológico adotado nesta dissertação tem base em uma revisão bibliográfica criteriosa, qualitativa e exploratória. Essa abordagem implica a análise subjetiva da obra de José Eduardo Agualusa, *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, e a consulta a obras de outros autores renomados, como Oyèronké Oyèwmi, Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa, Nah Dove, Chimamanda Ngozi Adichie, Lélia Gonzales, Benjamin Abdala Jr., Mikhail Bakhtin, Pierre Bourdieu,

Ítalo Calvino, Antônio Candido, Anatol Rosenfeld, Michel Foucault, Ana Mafalda Leite, Ezra Pound, Angélica Soares, entre outros; além da análise de artigos científicos, teses e dissertações relacionados ao tema.

Com ênfase especial na intertextualidade e na historicidade, essa metodologia permite tecer conexões entre o romance e seu contexto histórico-cultural, bem como as suas manifestações na literatura e na sociedade.

Este procedimento metodológico é fundamental para criar uma base sólida e diversificada para a análise, enriquecendo a discussão e proporcionando uma visão mais completa das relações entre literatura e a virilização do gênero feminino. Nesse aspecto, o corpo de referências inclui, mas não se limita, a análises comparativas com outras obras literárias que tratam do tema, estudos históricos sobre figuras femininas de poder e a literatura sobre feminismo e mulherismo, em contextos africanos e globais.

O engajamento com a vasta literatura disponível permitirá não apenas validar as hipóteses levantadas, mas também descobrir lacunas que podem direcionar futuras pesquisas. Assim, esta dissertação estabelece-se como um diálogo intertextual, não só com a obra de Agualusa, mas também com o amplo espectro de vozes acadêmicas que discutem temas de gênero, poder e representação literária.

1 REPRESENTAÇÃO DA RAINHA GINGA E SUA FORMAÇÃO NO ROMANCE

Este capítulo traz a representação da rainha Ginga, tanto na sua existência histórica quanto na sua reinvenção na obra de Agualusa. Esta secção dedica-se a explorar as múltiplas dimensões que o autor tece em torno desta figura, promovendo-a de um ícone histórico a um arquétipo literário.

Central a este capítulo é o estudo sobre como a representação literária, sob a escrita de Agualusa, vai além da mera reprodução histórica para questionar e redefinir a memória coletiva. Aprofundando na técnica de caracterização do autor, que reimagina a rainha Ginga, concedendo-lhe uma nova vida como símbolo de resistência e influência.

Por meio deste prisma, este capítulo se propõe a analisar como a literatura serve como um veículo para revisitar e remodelar eventos históricos, convertendo-se em uma arena em que as versões do passado são continuamente reinterpretadas e atualizadas. Agualusa (2015) emerge como um estrategista narrativo, que emprega sua arte para construir uma Rainha Ginga que transcende à sua era.

Espera-se que, ao término desta seção, o leitor esteja munido de um entendimento renovado sobre a formação de figuras históricas na literatura e o papel significativo desta transformação na nossa compreensão do passado e na interação com o presente.

Ao abordar a questão da representação histórica e a formação do ícone literário, este capítulo não apenas conclui nossa análise, mas também convida à reflexão sobre o poder da narrativa de alterar percepções e infundir novos significados em figuras do passado, estabelecendo um diálogo entre história, literatura e memória.

Nesse sentido, à medida em que se aprofunda na exploração, o subtópico "A Estética Narrativa de Agualusa como Instrumento de Reinterpretação Histórica", desvenda-se o uso magistral que Agualusa faz da narrativa para entrelaçar ficção e história. A estética narrativa do autor não é apenas um recurso estilístico, mas também uma poderosa ferramenta analítica que desconstrói e reconstrói a história, apresentando-nos uma rainha Ginga multifacetada. Essa abordagem permite que a narrativa transcenda a simples cronologia dos acontecimentos para questionar a memória coletiva e sugerir uma nova leitura da identidade e da resistência africana.

A seguir, trataremos de um tema importante sobre a Narrativa de Agualusa.

1.1 A estética narrativa de Agualusa como instrumento de reinterpretação histórica

Conforme explorado anteriormente, a historicidade da rainha Ginga e o peculiar estilo de escrita de José Eduardo Agualusa constituem elementos centrais para a compreensão da estética narrativa e a reinterpretação histórica presentes na literatura angolana contemporânea.

No caso de *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, as estratégias narrativas de Agualusa não apenas descrevem um período histórico, mas também dialogam com questões contemporâneas de gênero e poder. Assim, a obra não fica confinada ao passado; ela ressoa com as discussões atuais sobre identidade, resistência e reconstrução de narrativas nacionais, como visto nas análises de Sidrim (2019) e Leite (1998).

A rainha Ginga é figura emblemática da resistência angolana contra o domínio colonial português. A abordagem de Agualusa utiliza-se da historicidade como pano de fundo para uma narrativa que, embora ancorada em fatos históricos, não hesita em mergulhar no realismo mágico e na ficção para recriar a realidade.

A reinterpretação histórica, um tema recorrente nas obras de Agualusa, ressoa com a representação da rainha Ginga como um ícone mutável, cuja história é tanto um relato de seu tempo quanto uma tela para a projeção de ideais contemporâneos. Assim, quando Agualusa retrata personagens ou eventos históricos, ele não apenas os reconta, mas os reconfigura, permitindo vislumbrar como as narrativas do passado podem ser reutilizadas para comentar questões atuais.

Portanto, a relação entre o que foi discutido previamente sobre a rainha Ginga e o estilo de Agualusa convergem para a atual discussão ao evidenciar como o escritor tece sua estética narrativa, fazendo uso de elementos históricos para compor uma literatura, que é ao mesmo tempo reflexiva e inovadora. Esse entrelaçamento destaca a habilidade de Agualusa em criar uma oralidade que dialoga com o passado, enquanto ressoa poderosamente no presente, convidando o leitor a uma reflexão sobre a natureza mutável da história e da memória.

Na construção da personagem da rainha Ginga, Agualusa emprega estratégias narrativas intrincadas, conforme será discutido no capítulo dois deste estudo. Essas estratégias ressaltam a virilidade e o poder da rainha, dois temas centrais que se

entrelaçam com a reinterpretação histórica e a estética narrativa, elementos essenciais da obra do autor.

Assim, retomando a análise prévia da historicidade da rainha Ginga na narrativa de Agualusa, observa-se como o autor transcende os registros históricos ao retratar Ginga, não só como uma líder política, mas como um ícone de poder e virilidade. Esta escolha narrativa reflete-se na linguagem assertiva e nos simbolismos como as vestes masculinas e a espada, destacando sua habilidade em navegar e subverter as expectativas de gênero de seu tempo.

O estilo de escrita de Agualusa, que foi explorado, contribui significativamente para a construção da imagem de poder da rainha Ginga. O uso de uma narrativa fluida, que incorpora tanto a tradição oral quanto a escrita, permite que Ginga se apresente como uma entidade multifacetada.

A interconexão da literatura com o contexto social, um ponto focal é também crucial na seção atual. A literatura, como Candido (2000) defende, é um reflexo e um moldador de realidades sociais que surgem.

Finalmente, ao rever a discussão sobre a relação entre literatura e outras formas de arte, a obra de Agualusa funciona como uma ponte entre o literário e o histórico, o fictício e o real, o local e o universal. *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, assim como a literatura angolana em si, é um testemunho da capacidade da arte de transcender fronteiras, dialogar com o passado e moldar o futuro, conforme indicado pela proposta de "multiplicidade" de Calvino (1995). Desse modo, as estratégias narrativas de Agualusa na construção da virilidade e do poder em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* são multifacetadas e profundamente enraizadas, tanto na estética narrativa quanto na reinterpretação histórica. Estas estratégias não apenas reafirmam a identidade da rainha Ginga como uma figura de poder, mas também contribuem para a compreensão mais ampla da literatura como uma ferramenta de crítica e mudança social.

O romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, apresenta uma narrativa complexa. Os temas de virilidade e poder são explorados através de uma protagonista feminina que desafia as normas convencionais. O autor emprega uma série de técnicas narrativas para desvendar essas temáticas, centralizando-as na figura de Ginga, uma líder que assume papéis tipicamente masculinos e que desafia as expectativas de gênero de sua época.

A personagem Ginga é retratada como alguém que ultrapassa os limites de gênero, impondo-se como "rei" e destacando-se tanto em questões de força física quanto na diplomacia. Esta dualidade é explorada de maneira rica por meio das vozes de vários personagens, tanto históricos quanto fictícios, que fornecem múltiplas perspectivas sobre sua liderança.

A complexidade da rainha Ginga é ainda mais enfatizada pelas descrições das batalhas e estratégias, assim como pelos diálogos que funcionam como arenas para negociações de poder. O romance ressalta a habilidade de Ginga em manobrar dentro das complexidades do poder, retratando sua virilidade não apenas como força, mas como uma qualidade intrínseca à sua capacidade de liderar e influenciar.

Agualusa constrói, assim, não apenas o percurso de uma governante, mas também esculpe a noção de virilidade, ligando-a inextricavelmente às habilidades de comando e de política. A narrativa não busca definir uma verdade única sobre Ginga, mas sim apresentar uma história que é rica em camadas e aberta a múltiplas interpretações. *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* se destaca como uma obra que oferece um retrato complexo e multifacetado de poder e liderança, ressonando com temas contemporâneos de gênero e autoridade e desafiando o leitor a refletir sobre as nuances da identidade e da narrativa histórica.

Os detalhes biográficos da rainha Ginga são cercados por debates e incertezas. Reconhecidamente oriunda do Reino de Ndongo, era filha de Mbandi Ngola Kiluanji e ao nascer foi nomeada Nzinga Mbandi. Com o passar do tempo, ela se tornaria um emblema complexo da resistência contra o sistema escravocrata estabelecido pelos portugueses.

Nzinga Mbandi assume uma estatura histórica em Angola comparável apenas a de Cleópatra, sendo hoje reverenciada como uma heroína nacional, símbolo de oposição à presença portuguesa por mais de trinta anos durante o século XVII (Pinto, 2018). Sua resistência e influência são celebradas e incorporadas à narrativa nacional, tanto na literatura quanto na história oral, fazendo dela uma figura que transcende o tempo.

Para Pinto (2018), Nzinga Mbandi, a rainha Guerreira, cuja vida se entrelaça na literatura e na história, nos convida a uma viagem imaginária pelas terras da África. E ainda que sua história seja recontada, sempre haverá lacunas, convidando a desvendar os mistérios que permanecem. A cidade de Luanda homenageia essa memória, com uma estátua erguida na praça Kinaxixi — antigo Largo dos Lusíadas —

e ruas que levam o seu nome, refletindo como sua história ecoa nas expressões culturais angolanas.

Segundo o Projeto Biografias de mulheres africanas, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Nzinga era dotada de habilidades que a tornavam ágil e destemida. Como comandante também tinha estratégias de guerra que a diferenciava dos demais. Ela foi considerada uma heroína nacional em Angola e na segunda metade do século XX tornou-se um símbolo anti-imperialista.

Diakhaby (2023) aponta que a literatura angolana emergindo sob o jugo do colonialismo e florescendo na era pós-independência, serve como um veículo primordial para a expressão e consolidação da identidade cultural angolana. Este fenômeno se manifesta de forma notável ao longo da transição do oral para o escrito, conservando as raízes culturais mediante a narrativa literária. A reflexão sobre a literatura colonial angolana revela um espectro de escrita que, embora esparsa antes de 1849, começa a formar uma consciência cultural coletiva, principalmente, evidente na obra pioneira de José da Silva Maia Ferreira. Posteriormente, a literatura pós-colonial, nas décadas seguintes à independência em 1975, destaca-se pela progressiva libertação das formas poéticas da legislação da vida colonial.

Segundo Diakhaby (2023), exemplar dessa evolução é *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, em que a personagem histórica se transforma em símbolo da identidade unificadora nacional. A rainha Ginga, tanto na realidade quanto na ficção literária, desperta reflexões intrincadas sobre raça, identidade, resistência e gênero, entrelaçando-as no tecido da memória e da história angolana.

Em sua obra, Agualusa (2015) utiliza a oralidade como elemento recorrente, como aparece nos relatos de Francisco. O narrador usa da narrativa oral para explicar as escolhas e ações de Ginga, mostrando a interconexão entre história e tradição oral e mescla relatos orais e registros históricos para tecer sua versão da lenda da rainha Ginga, alinhando-se com a história oficial angolana e oferecendo uma interpretação renovada, mas não deturpada, dos eventos históricos.

A História Geral das Guerras Angolanas de Oliveira de Cadornega (1972), escrita no final do século XVII, documenta o impacto significativo de Nzinga na resistência ao colonialismo português, revelando-a como um obstáculo considerável aos interesses de Portugal em Angola.

Pereira (2019) ressalta que as ações de Portugal na África, particularmente nos séculos XVI e XVII, são marcadas pela exploração violenta e pela imposição da fé católica. As atrocidades eram justificadas sob o manto da conversão religiosa, revelando as contradições e motivações capitalistas subjacentes à missão cristianizadora.

Ao examinar as fontes historiográficas do colonialismo português na África, Pereira (2019) aponta uma clara distorção entre os supostos objetivos evangelizadores de Portugal e suas verdadeiras intenções econômicas e imperialistas, frequentemente mascaradas pela retórica da salvação de almas.

Em sua narrativa *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, Agualusa não se limita a replicar os registros históricos portugueses; pelo contrário, ele infunde na rainha Ginga uma humanidade que vai além da representação da barbárie, ou seja, o barbarismo, nos documentos históricos, como observado por Cadornega em 1680. Sua narrativa propõe uma outra leitura dos eventos históricos, permitindo aos angolanos uma reconexão com o seu passado colonial sob uma nova luz.

Hutcheon (1991) defende que, no contexto pós-independente de Angola, a literatura torna-se uma ferramenta para navegar e reagenciar a história colonial.

Nessa perspectiva, Agualusa (2015) utiliza a ficção para projetar uma imagem mais complexa da rainha Ginga, questionando narrativas unilaterais e resistindo ao simplismo dos registros coloniais. Ele nos leva a contemplar as consequências do colonialismo, a resistência cultural e as práticas questionáveis, incluindo as relacionadas à própria soberana, como a escravidão e a usurpação de reinos.

Para Pereira (2019) a literatura angolana pós-independente, na escrita de Agualusa, manifesta-se como um espaço de reflexão e reinterpretação, que não somente reconta a história, mas também a redefine, realçando o poder da palavra escrita em moldar nossa compreensão da realidade e da identidade nacional.

1.2 Consolidação da Rainha Ginga: da história à formação de um ícone literário

Em *História Geral das Guerras Angolanas*, Cadornega (1972) delineia uma imagem da rainha Ginga permeada por aspectos negativos, destacando suas ações

cruéis e sua ambição de poder, vistas sob a perspectiva da dominação colonial. Contrariamente, Agualusa (2015) afasta-se desse retrato monolítico e desfavorável, e a apresenta como uma líder inteligente, estrategista e digna de admiração, que simboliza a resistência ao jugo colonial. Esta representação se alinha mais estreitamente com o sentimento de orgulho nacional e cultural que muitos angolanos sentem hoje, em relação à sua figura histórica.

A partir da narrativa fictícia de Agualusa (2015), vemos a rainha Ginga como um símbolo de resistência e astúcia, cuja história é revestida de novas camadas de significado e interpretada por meio de uma lente contemporânea, que valoriza a resistência cultural e a soberania africana.

Agualusa (2015) atua como um meta-historiador, pois dá sentido a questões importantes do passado e utiliza a ficção para tornar essas questões conhecidas reinterpretando eventos e promovendo uma reflexão crítica sobre a forma como a história é registrada e lembrada. Dessa forma, o autor reconstrói uma memória cultural coletiva que representa a identidade angolana de maneira mais esclarecedora.

Esta capacidade de ressignificar o passado e de reforçar a memória cultural é particularmente importante no contexto pós-colonial de Angola. *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* emerge não só como uma narrativa histórica, mas como um texto que desafia as representações coloniais e reafirma a dignidade e a complexidade do povo angolano.

A literatura, nesse aspecto, transcende o entretenimento e a arte, assumindo uma função social e política de reinterpretar a história e de moldar a consciência coletiva empenhando-se em reproduzir problemas sociais existentes, juízo critico, escárnio, satirizando assim esses problemas.

Agualusa (2015) através da narrativa de Francisco, um padre pernambucano que se torna secretário e tradutor de Nzinga, e depois se afasta do cristianismo e torna-se um traidor, não somente traz uma personagem feminina forte e multifacetada, mas também evidencia um diálogo intenso entre culturas, identidades e poderes em conflito. A rainha Ginga, como apresentada na obra, é mais que uma figura histórica; ela é um símbolo da resistência e da capacidade de adaptação e transformação. Ao assumir um papel tradicionalmente masculino naquela sociedade e época – o de líder guerreira e estrategista – Ginga quebra paradigmas e desafia a ordem estabelecida.

> Aqui se conta da chegada a Salvador do Congo do narrador desta história, o padre pernambucano Francisco José da Santa Cruz. Aconteceu isto nos idos de 1620. Mais se conta de como este padre veio a ser secretário da Ginga — depois Dona Ana de Sousa, Rainha do Dongo e da Matamba —, e de como a acompanhou numa famosa e muito admirável visita a Luanda. A PRIMEIRA VEZ QUE A VI, GINGA OLHAVA O MAR. Vestia ricos panos e estava ornada de belas joias de ouro ao pescoço e de sonoras malungas de prata e de cobre nos braços e calcanhares. Era uma mulher pequena, escorrida de carnes e, no geral, sem muita existência, não fosse pelo aparato com que trajava e pela larga corte de mucamas e de homens de armas a abraça-la. (Agualusa, 2015, p. 10).

Agualusa convida à reflexão sobre a clareza das identidades e a possibilidade de reinterpretar figuras memoráveis oferecendo uma rica narrativa com base em registros e enriquecida por liberdades criativas que tornam os fatos mais relevantes para o leitor contemporâneo. A reimaginação de Ginga apresenta-se como um ato de resistência contra uma narrativa frequentemente unilateral e eurocêntrica.

No entanto, ao escolher um narrador-personagem que é um homem branco, padre e brasileiro, o autor limita a narrativa a uma perspectiva externa, distanciando o leitor das vivências e das percepções de Ginga. Embora essa escolha subverta expectativas e destaque o poder de alianças inesperadas, ela também suscita questionamentos sobre a oportunidade perdida de explorar a história por meio dos olhos e das experiências diretas da própria Ginga, oferecendo assim, uma dimensão mais autêntica e imersiva de sua liderança e resistência.

Além disso, o autor não retrata apenas Ginga, mas todas as demais mulheres da obra literária são representadas pelas lentes do narrador: Confira o texto a seguir:

> Nascemos, crescemos, fazemo-nos adultos e depois velhos. Não habitamos ao longo da vida um único corpo, e sim inúmeros, um diverso a cada instante. A essa corrente de corpos que uns aos outros se sucedem, e aos quais correspondem também diferentes pensamentos, diferentes maneiras de ser e de estar, poderíamos chamar universo — mas insistimos em chamar indivíduo. Grosso erro. Atente-se no meu caso, que fui em jovem padre e devoto e me acho hoje, à beira da morte, não só afastado de Cristo, mas de qualquer Deus, pois todas as religiões me parecem igualmente danosas, culpadas do muito ódio e das muitas guerras em que a humanidade se destrói. O que é que o jovem padre que desembarcou em África, pela primeira vez, há oitenta anos, diria ao velho, imensamente velho, que eu sou (ou estou) hoje — enquanto escrevo estas linhas? Creio que não se reconheceria em mim. A mulher que eu conhecera na ilha da Quindonga, com o nome de Muxima, era leve como um pássaro e lisa como um peixe. Achei-a, nessa altura, livre de todo o mal. Não via atuar nela nem a serpente da inveja, nem o dragão da cobiça, tão-pouco o petulante pavão da vaidade. Era simples como a água — bela

> por ser tão simples. Dona Inês de Mendonça, pelo contrário, impunha a sua presença. Ocupava todo o ar. O peso dos seus passos anunciava-a ao longe. Vestia com luxo e ostentação. Nunca saía sem o brilho de muita prata. Raramente gritava, mas punha tanta autoridade na voz que era como se o fizesse mesmo sussurrando. Embora fosse sempre doce comigo e com Cristóvão, enchendo-nos de mimos e gentilezas, mostrava-se muitas vezes rude com os escravos e a criadagem. Pouco a pouco foi-se aprofundando entre nós uma distância amarga, que a magoava mais a ela do que a mim. Muxima tentava agradar-me. Eu tentava não me desagradar com ela. Contudo, já a sua voz me arranhava os nervos, já o seu cheiro me nauseava. À noite ouvia-a chorar, estendida ao meu lado, e não conseguia reunir coragem para a abraçar. (Agualusa, 2015, p. 96).

Por outro lado, essa capacidade de Agualusa (2015) de entrelaçar fatos históricos com ficção permite uma exploração mais profunda das complexidades humanas. Ginga é apresentada com seus defeitos e virtudes. Suas decisões políticas e pessoais não são simplificadas ou idealizadas. A narrativa sugere que suas escolhas, embora possam parecer controversas ou até contraditórias, são reflexo de uma luta maior pela sobrevivência e autonomia de seu povo.

Essa abordagem dá à figura de Ginga uma humanidade tangível que transcende o mero status de ícone ou mártir. Ela se torna um exemplo vivo da complexidade do ser humano em contextos de opressão e resistência. Através de Francisco, Agualusa também explora as nuances da fé, da lealdade e da identidade. O ex-padre, que inicia sua jornada com uma crise de fé, encontra na rainha Ginga e em sua luta uma nova forma de compreender o mundo e seu próprio lugar nele.

À medida que a tese se desenrola, pode-se aprofundar na análise de como Agualusa utiliza esses personagens para discutir temas como colonialismo, resistência cultural, sincretismo religioso e a construção da identidade africana. O relacionamento entre Francisco e Ginga, permeado de respeito mútuo e aprendizado, sublinha a possibilidade de uma compreensão intercultural mesmo em tempos de grande adversidade. Isso reforça a ideia de que as relações de poder são dinâmicas e que a história é construída tanto pelas grandes ações quanto pelas pequenas alianças.

A obra de Agualusa torna-se, assim, uma ponte entre passado e presente, mostrando como as histórias de ontem ainda ressoam nos dias de hoje, influenciando a forma como compreendemos a identidade, o poder e a resistência. Ao final *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo,* de Agualusa não é apenas uma

personagem em um romance histórico, mas um símbolo atemporal da capacidade humana de lutar por dignidade e liberdade contra todas as probabilidades.

2 VIRILIZAÇÃO DO GÊNERO FEMININO E O PODER EM *A RAINHA GINGA - E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O MUNDO*

Desde os primórdios dos tempos, a interseção entre a História e Literatura tem permitido a exploração de temas complexos e a análise de figuras sob novas perspectivas. Um exemplo notável dessa interação é o romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, do autor José Eduardo Agualusa. Este capítulo propõe-se a analisar a relação entre esses eixos presentes na obra, focalizando a virilização do gênero feminino e sua relação intrincada com o exercício de poder.

Para tanto, empreende-se em uma jornada que abrange desde a contextualização da rainha Ginga, até à análise das estratégias narrativas que conferem riqueza e complexidade a essa dinâmica. Ao fazer isso, se busca compreender como Agualusa reimagina essa figura e como ela pode iluminar aspectos, muitas vezes negligenciados, pelos registros tradicionais.

Este capítulo será dividido em cinco seções distintas, para propiciar uma melhor compreensão das interações entre gênero, poder e representação literária, contribuindo, assim, com as nuances e interações presentes na obra *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*.

A seguir, será traçado um panorama histórico envolvendo a figura central desta análise. Por meio dessa contextualização, pretende-se estabelecer as bases para uma apreciação mais significativa de sua representação na obra de Agualusa, explorando a relevância política, cultural e social da rainha Ginga em seu contexto histórico, reconhecendo o papel que ela desempenhou no Antigo Reino do Congo.

Dessa forma, propõe-se trazer à tona a masculinização de características femininas como uma ferramenta para consolidar o poder da protagonista, procurando desvendar como Agualusa constrói a imagem da rainha Ginga, empregando recursos literários que realçam sua autoridade e resiliência, e como essas escolhas causam impactos na percepção da personagem,

Assim, espera-se apresentar uma reflexão que transcenda a narrativa singular, posicionando *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* em um contexto espectável de discursos literários que contribuam para a compreensão contemporânea de gênero, poder e representatividade.

2.1 Contextualização histórica da Rainha Ginga

A Rainha Ginga é amplamente reconhecida na história por ser uma das principais figuras na resistência contra o domínio colonial português, utilizando suas políticas de governo e estratégias de guerra como suas principais ferramentas. Sua estratégia primordial consistiu em unir diversos grupos de pessoas provenientes de regiões distintas, incluindo Ndongo, Matamba, Kongo e Bailundo, que possuíam variados interesses políticos, sociais e culturais. Esse esforço de coesão transformou-os em uma única comunidade, fortalecendo-a para enfrentar os portugueses. O legado de Njinga Mbandi persiste até hoje, sendo considerada uma heroína nacional de destaque (Sungo, 2016).

A história dos feitos da rainha Ginga é documentada tanto por registros históricos, quanto por obras literárias, como o romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* (2015), do autor Agualusa. Este romance não apenas retrata a personalidade das histórias africana e global, que possui elementos tanto arcaicos quanto modernos, mas também encanta através das gerações. Desde o Marquês de Sade, em *A Filosofia na Alcova* que a considerou um exemplo de "luxúria selvagem", até os tempos atuais, em que ela é um símbolo estudado e usado pelas feministas afro-americanas. O romance de Agualusa (2015) combina personagens reais e fictícios para criar uma narrativa intrigante e envolvente.

Para compreender plenamente a representação da rainha Ginga, no romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* de Agualusa (2015), é imperativo mergulhar no cenário histórico em que ela viveu. A rainha Ginga, cujo nome de batismo era Dona Ana de Sousa, foi uma figura proeminente do Antigo Reino do Congo, situado na região que hoje abrange Angola e parte da República Democrática do Congo. Sua vida e reinado abrangem um período crucial no século XVII, quando a região estava em constante interação com potências europeias, em busca de recursos e influência.

Ana de Sousa surgiu como uma líder poderosa em uma sociedade permeada por desafios políticos e tensões internas. Sua ascensão ao trono foi marcada por uma série de eventos complexos, incluindo alianças estratégicas, conflitos internos e negociações com potências colonizadoras. Ao explorar essa ascensão, é possível

observar como ela consolidou sua autoridade e desenvolveu um estilo de governança único que mais tarde influenciaria sua representação na literatura.

De acordo com Franceschini (2018), Nzinga Mbandi, surgiu como uma figura mítica e histórica, destacando-se por sua liderança estratégica e corajosa. Ao longo de sua vida, ela enfrentou os desafios do cenário político do Antigo Reino do Congo e da região de Angola, tornando-se temida pelos portugueses devido às suas vitórias em batalhas. Desde jovem, Ginga foi treinada no manejo de armas, demonstrando uma forte conexão com a soberania de seu pai.

Embora as normas sociais da época limitassem o poder das mulheres, Ginga sempre teve representatividade política, sendo essa característica destacada em sua figura. Negociando com portugueses e holandeses, ela demonstrou habilidades diplomáticas e táticas, inclusive temporariamente adotando o cristianismo como estratégia. Unindo-se aos jagas, um grupo de guerreiros de diversas origens, Ginga adotou trajes masculinos e um exército de escravos sexuais, consolidando ainda mais sua postura de liderança. Seu legado perdura por sua resistência contra o domínio estrangeiro, deixando uma marca indelével na história da região (Franceschini, 2018).

No contexto geopolítico e cultural do Antigo Reino do Congo, onde Ginga exerceu seu poder, havia uma região marcada por uma rica diversidade cultural, que abrangia diversas etnias, tradições religiosas e formas de organização social. Essa diversidade, embora enriquecesse o tecido social, também propiciava tensões e rivalidades internas. Além disso, o período era caracterizado pela crescente influência de colonizadores europeus, ávidos por explorar os recursos locais e estabelecer rotas comerciais. Portanto, a rainha Ginga se viu diante de desafios complexos e múltiplos, tendo que manobrar habilmente entre as dinâmicas internas de seu povo e as pressões externas dos colonizadores.

Heywood (2019) ressalta que a rainha Ginga governou Ndongo, situado na região central da África (atualmente parte do norte de Angola), no século XVII. Sua ascensão ao poder foi marcada por uma combinação de habilidades militares, estratégias diplomáticas, manipulações religiosas e astúcia política. Contudo, apesar de seu reinado significativo, ela foi frequentemente difamada por europeus contemporâneos e escritores subsequentes, que a retrataram como uma figura selvagem e sanguinária. Foi acusada de cometer assassinatos brutais, de desafiar as normas de gênero ao adotar vestimentas masculinas, liderar exércitos em batalha e rejeitar as ditas "virtudes femininas".

No século XVIII e XIX, relatos fictícios a descreveram de forma degradante. Entretanto, registros históricos divergentes mostram que Ginga governou Matamba junto a Ndongo por três décadas, desafiou governadores portugueses, manteve independência em ataques e formou alianças, incluindo com a Companhia Holandesa das Índias Ocidentais. Sua diplomacia religiosa a levou a contato com o papa, estabelecendo o cristianismo em seus reinos (Heywood, 2019).

Para Kwononoka (2012), a rainha Ginga demonstrou persistência na manutenção do Ndongo, mesmo após se refugiar em Matamba. Isso é evidenciado pelo fato de ela continuar assinando suas correspondências como "Njinga a Mbande Ngola", que traduz a sua posição como Rainha de ambos os reinos, Ndongo e Matamba. Esse aspecto de governar ambos os reinos lhe renderam a alcunha de "rainha dupla".

No âmbito econômico, a rainha Ginga desempenhou um papel significativo ao permitir o comércio de escravos entre Matamba e Luanda. Isso facilitou a troca de diversos produtos entre as regiões, incluindo animais domésticos, fibras têxteis, peixes, vinho de palma e óleo. Esse comércio contribuiu para a criação dos kitandas, que eram mercados populares que desempenhavam um papel vital como espaços sociais e econômicos. Notavelmente, esses mercados permitiam que as mulheres assumissem um papel proeminente na sociedade (Kwononoka, 2012).

Agualusa (2015) traz em sua obra que a rainha Ginga não apenas assumiu o poder em um momento crítico da história de seu reino, mas também adotou uma abordagem distintiva de governança que a diferenciava de muitos de seus contemporâneos. Sua habilidade em manter alianças e negociar com potências colonizadoras, bem como seu compromisso com a proteção e independência de seu povo, solidificaram sua posição como uma líder influente e complexa.

Ressalta-se que, ao se compreender esses aspectos históricos da vida e do reinado de Ginga, estará preparado para apreciar a representação que Agualusa traça em sua obra. A contextualização histórica não apenas acrescenta profundidade à personagem, mas também enriquece a compreensão das motivações e desafios que ela enfrentou ao longo de sua vida.

Desse modo, a rainha Ginga contada pelo escritor angolano Agualusa, em seu romance literário, traz elementos da realidade e da ficção, mas acima de tudo aponta que ela foi uma personagem histórica que viveu no Século XVII, no contexto da África negra, atormentada pelo comércio de escravos. Ndongo e Matamba foram

governados por Ginga, que possuía inteligência estratégica e enérgica disposição para a luta; por suas escolhas, comportamento e habilidades guerreiras, fez-se mais viril que os homens de seu exército.

A rainha, renomeada pelos portugueses como Dona Ana de Souza, demonstra sua habilidade política e estratégica para governar o Reino do Congo. Respeitada e temida, ela recorreu a diversas estratégias para consolidar seu poder, enfrentando o desafio do tráfico de escravos e a subjugação feminina. Agualusa, ao narrar a história de Ginga, mergulha em um contexto de conflitos, alianças por conveniência, e lutas por justiça e soberania. Por meio de uma pesquisa nas fontes históricas angolanas, o autor reinterpreta a vida da rainha, oferecendo uma visão que transcende os estereótipos e destaca seu significado simbólico e sua relevância contínua.

Agualusa (2015) apresenta a trajetória de Ginga, uma líder determinada que, para garantir sua posição e o bem-estar de seu povo, opta por casamentos estratégicos. Antes dessas alianças, ela enfrenta acusações de ter eliminado seu sobrinho e irmão, movimentos que a colocam diretamente no caminho do trono. Aos olhos do autor essas ações não eram meramente pelo poder, mas estratégias para proteger seu povo da dominação portuguesa, assim, para Ginga, vingar-se não é apenas um ato de retaliação, mas um meio de restaurar sua dignidade, compensar perdas e reafirmar sua autonomia e capacidade de liderança, desafiando a ser vista apenas como uma peça no jogo político.

Na obra de Agualusa (2015), a rainha Ginga é apresentada ao leitor pelos olhos do padre brasileiro Francisco José da Santa Cruz, pernambucano, exímio no desenho das palavras, que deixa a batina, envolvendo-se com mulheres e colocando sua fé em dúvida. Francisco mostra Ginga como uma personagem dominante e astuta que governou seu povo por mais de 30 anos.

A narrativa histórica e literária de Ginga nos apresenta uma interseção entre realidade e ficção, construindo um retrato robusto e diversificado de liderança feminina. A história de Ginga é marcada por desafios e alianças, por decisões corajosas e atos de desobediência que revelam as intrincadas dinâmicas de poder e resistência. Ela soube manejar com maestria as complexidades da política e dos conflitos armados, ao mesmo tempo que questionava as normas de gênero, adotando vestimentas e comportamentos que desafiavam as convenções destinadas às mulheres de sua era.

Essa transgressão dos papéis de gênero, especialmente a virilização percebida em seu comportamento e aparência, nos convida a refletir sobre o exercício de poder feminino e a forma como a feminilidade e a masculinidade são construídas e representadas no romance de Agualusa. A rainha Ginga não é apenas um ícone de poder; ela também se torna um símbolo da fluidez e da força do feminino, desempenhando papéis tradicionalmente masculinos sem perder a essência de sua identidade como mulher e líder.

Portanto, é nessa intersecção de gênero e poder que se passa agora a explorar mais profundamente. O próximo subtópico procura desvendar como Agualusa retrata o feminino e a virilização por meio da lente da rainha Ginga. Examinaremos como a personagem desafia e redefine os conceitos de gênero e poder, refletindo e, ao mesmo tempo, questionando as normas sociais e políticas de sua época e as ressonâncias que isso traz para os leitores contemporâneos.

2.2 Análise das relações entre a virilização do gênero feminino e o exercício de poder no romance

Esta seção propõe-se a explorar a análise das complexas relações entre a virilização do gênero feminino e a manifestação do poder na obra *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* de Agualusa (2015). Ao explorar como a personagem da rainha Ginga é moldada por meio de elementos que amplificam sua autoridade e determinação, a análise revelará como o autor utiliza escolhas literárias cuidadosamente elaboradas para construir uma figura histórica que desafia as normas de gênero preexistentes.

Por meio dessas escolhas de Agualusa, é evidente que a personagem da rainha Ginga transcende as fronteiras tradicionais de gênero. Ela é retratada como uma líder implacável e destemida, cuja busca pelo poder e controle não é limitada por sua identidade de gênero. A virilização de Ginga é manifestada em sua postura, tom de voz e atitudes assertivas, características que tradicionalmente seriam associadas à masculinidade. Ao adotar essas características, Agualusa (2015) constrói uma figura cuja autoridade é inquestionável, desafiando as noções convencionais de fragilidade associadas às mulheres na sociedade.

> Ngola, cujo rosto rude e tenaz, de duras esquinas, muito impressionava, tinha os olhos vermelhos, raiados de sangue, talvez da muita diamba (cânhamo) que andara fumando.
> A Rainha, que na altura ainda o não era, não obstante o porte, ostentava sobre os ombros uma capa vermelha de apurada oficina, e aquela capa parecia fazer refulgir seu rosto, como se um incêndio a consumisse.
> Ginga discutia em alta voz com o irmão, como se com ele partilhasse a mesma vigorosa condição de macho e de potentado.
> Já na altura não admitia ser tratada como fêmea. E era ali tão homem que, com efeito, ninguém a tomava por mulher (Agualusa, 2015, p. 12).

As escolhas literárias de Agualusa (2015), como a linguagem usada para descrever Ginga e seus diálogos, desempenham um papel crucial na virilização da personagem e na apresentação de seu poder. O autor não apenas destaca as habilidades políticas e estratégicas de Ginga, mas também explora sua complexidade emocional, reforçando que a força e a determinação não são exclusividade de um gênero. As cenas em que Ginga exerce controle sobre seus exércitos, negociações diplomáticas e interações com outros personagens ressaltam sua habilidade em dominar situações desafiadoras. Ao representar a virilização de Ginga como um instrumento de empoderamento, Agualusa (2015) cria um cenário que desafia estereótipos arraigados.

A análise detalhada da virilização do gênero feminino e sua relação com o exercício de poder na personagem da rainha Ginga revela o poder transformador da literatura ao desconstruir noções de gênero e capacidade. As escolhas literárias de Agualusa (2015) permitem que Ginga transcenda sua época e contexto histórico, transformando-a em um ícone de força e resiliência.

Neste contexto, a chegada dos colonizadores portugueses, no final do século XVI, ao Ndongo, mudou o contexto local e a história do povo negro. A partir desse período, as guerras de conquista, o tráfico de escravos e a emergência de novos mercados econômicos mudaram as paisagens política, cultural, econômica e social da região. Foi nesse contexto de repressão e de resistência que Njinga a Mbande, a rainha Ginga, se impôs na história de África como um exemplo notável de governação feminina.

A liderança de Ginga na resistência de Ndongo reduziu os avanços dos portugueses. Além de suas habilidades militares, guerrilheiras e táticas de espionagem, ela demonstrou excelência em negociações. Enviada como embaixadora em 1622, negociou a paz com o governador português. Após a morte de

seu irmão, assumiu o poder e resistiu ferozmente aos colonizadores, mantendo uma defesa sólida até sua morte, em 1663 (UNESCO, 2014).

Apesar das tentativas dos portugueses, Ginga frustrou todas as capturas, e somente após sua morte a ocupação portuguesa avançou, prendendo 7000 de seus soldados para o tráfico de escravos no Brasil. Assim, ao longo de décadas, Ginga formou alianças estratégicas com reinos vizinhos como Kongo, Kassanje e Kissama. Ela protegeu diversas populações sob seu reinado, exercendo poder sobre territórios inteiros. Gradualmente, ela emergiu como uma figura política regional de grande influência, incontornável e frequentemente temida, mas nunca submissa (UNESCO, 2014).

Ao analisar a história da rainha Ginga contada tanto por historiadores, quanto no romance de Agualusa (2015), é possível observar que, se por um lado, existe uma visão colonial, por outro lado, existe uma visão oposta, a visão anticolonial ou nacionalista. Lugarinho (2016) aponta que, após a Independência da Angola, a rainha Ginga foi consagrada heroína nacional e mãe da Nação angolana. O que pode ser verificado, por exemplo, a partir da leitura do poema "O içar da bandeira". De Agostinho Neto (1978), liderança do MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e o primeiro presidente de Angola, no qual a rainha Ginga figura ao lado de Ngola Kiluanje como heróis da resistência à colonização portuguesa:

O IÇAR DA BANDEIRA
(Poema dedicado aos Heróis do povo angolano)

Quando voltei
as casuarinas tinham desaparecido da cidade

E também tu
Amigo Liceu
voz consoladora dos ritmos quentes da farra
nas noites dos sábados infalíveis

Também tu
harmonia sagrada e ancestral
ressuscitada nos aromas sagrados do Ngola Ritmos
Também tu tinhas desaparecido
e contigo
os Intelectuais
a Liga
o Farolim
as reuniões das Ingombotas
a consciência dos que traíram sem amor

Cheguei no momento preciso do cataclismo matinal
em que o embrião rompe a terra umedecida pela chuva

erguendo planta resplandecente de cor e juventude

Cheguei para ver a ressurreição da semente
a sinfonia dinâmica do crescimento da alegria nos homens
E o sangue e o sofrimento
eram uma corrente tormentosa que dividia a cidade

Quando eu voltei
O dia estava escolhido
e chegava a hora

Até o riso das crianças tinha desaparecido
e também vós
meus bons amigos meus irmãos
Benje, Joaquim, Gaspar, Ilídio, Manuel
e quem mais?
- centenas, milhares de vós amigos
alguns desaparecidos para sempre
para sempre vitoriosos na sua morte pela vida

Quando eu voltei
qualquer coisa gigantesca se movia na terra
os homens nos celeiros guardavam mais
os alunos nas escolas estudavam mais
o sol brilhava mais
e havia juventude calma nos velhos
mais do que esperança era certeza
mais do que bondade era amor

Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas

Tudo todos tentavam erguer bem alto
acima da lembrança dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência.

No entanto, segundo Lugarinho (2016), essa condição, a de mãe da Nação, esse reconhecimento, demandava a reconstituição, bem como a reconstrução e a anulação de todos os discursos que anteriormente foram disseminados em torno da rainha. Ao se tornar uma heroína nacional, a rainha Ginga tem anuladas as narrativas que foram contraditórias a sua verdadeira história, sendo que a partir desse momento devia se concentrar nela e na sua narrativa a gênese da nacionalidade, que agora era homogênea e contínua.

Nessa perspectiva, Silva e Maia (2020) destacam que a personagem Ginga é intencionalmente "normalizada", a fim de evitar qualquer controvérsia que possa comprometer sua imagem, como a subversão de normas de gênero, que poderiam prejudicar sua reputação como mãe e fundadora da nação. Nesse contexto, quando

comparamos as visões colonial e nacionalista, a questão de gênero emerge como um ponto de sensibilidade.

Nesse sentido, Mendes (2002) introduz o conceito de "identidade narrativa", sugerindo que as identidades não são uniformes, fixas ou estáveis, mas sim construídas a partir das narrativas pessoais dos autores e suas variadas experiências, muitas vezes contrastando com as narrativas de outros autores. Portanto, podemos contemplar como a representação da rainha Ginga assume diversas facetas, sendo ainda contrastada com diferentes padrões, tanto em termos de gênero quanto de nacionalidade e resistência.

Segundo Lugarinho (2016), a complexa identidade de Ginga é moldada por meio de narrativas que entrelaçam o gênero com a identidade nacional. O autor destaca a importância de reconhecer que uma análise crítica das representações da personagem Ginga pode revelar a interligação entre os padrões de gênero e os estereótipos estabelecidos de "homem" e "mulher" angolanos, os quais foram herdados dos portugueses e adaptados a uma nação relativamente nova, marcada por conflitos sangrentos.

Mata (2014), divide as construções da personagem rainha Ginga em duas visões distintas: colonial e nacionalista, ambas contrastantes. Segundo Mata (2014, p. 23), a perspectiva colonial promove um "discurso de desvalorização dos africanos", enquanto que, de acordo com Lugarinho (2016, p. 91), a visão nacionalista descreve Ginga como uma figura "heroica incansável".

Já para Silva e Maia (2020), a tensão entre as perspectivas colonial e nacionalista, embora antagônicas, reforça uma visão que associa a perversidade a desvios de gênero e sexualidade.

Entretanto, tanto Mata (2014), quanto Lugarinho (2016), também indicam a existência de uma terceira abordagem, que não tende a desumanizar a rainha Ginga nem a idealizá-la de forma heroica. Conforme mencionado por Mata (2014), essa abordagem reflete uma tendência na literatura angolana que se caracteriza pela tensão entre os limites da ficção e da história, como exemplificado nas obras de Agualusa.

Silva e Maia (2020) discutem como essa tendência resulta em "metaficções historiográficas", um termo teorizado por Linda Hutcheon. Essas obras buscam criar um confronto entre os discursos literários e históricos, com o objetivo de refletir sobre

os alinhamentos políticos que podem orientar qualquer tipo de discurso, seja ele factual ou ficcional.

Mata (2014) argumenta que esses romances que misturam elementos ficcionais com históricos tratam o passado como um material a ser revisitado e redescoberto, por meio da narrativa ficcional. Dessa forma, o discurso histórico deixa de ser apenas uma fonte de informações e passa a ser tratado como algo que demanda investigação, análise, desdobramentos e, muitas vezes, reconstrução.

Essas obras podem ser categorizadas como pós-coloniais, pois têm a capacidade de assumir e destacar as contradições do passado. Sob essa perspectiva, a representação da rainha Ginga não fica limitada a extremos. Como expresso por Silva e Maia (2020):

> A construção do olhar sobre a Rainha Ginga, em perspectiva pós-colonial, passaria a entendê-la como uma estrategista dentro de um tabuleiro extremamente complexo e muito mais dinâmico do que a representação estanque de "portugueses versus africanos" consegue abarcar. Passa-se a considerar, assim, a presença dos holandeses na região e, ainda, a multiplicidade que geralmente é homogeneizada sob a ideia de "africanos". (Silva e Maia, 2020, p. 171).

Mata (2014) identifica três perspectivas na construção da personagem e da história da rainha Ginga: a abordagem colonial, que desumaniza tanto Ginga quanto o povo africano; a abordagem nacionalista, que apresenta Ginga como uma heroína nacional, mas tende a idealizá-la, também desumanizando-a ao deixar de lado seus possíveis defeitos; e, por fim, a visão pós-colonial, que não se prende a uma única representação da personagem. Essa visão busca compreender como cada discurso e imagem de Ginga é moldado por diversas perspectivas, frequentemente ligadas a alinhamentos políticos variados.

Uma das narrativas mais proeminentes sobre a rainha Ginga é a de que ela se vestia como um guerreiro para enfrentar seus inimigos, ultrapassando assim a barreira que separava os gêneros masculino e feminino, que era considerada intransponível pelos europeus. Esse fato por si só a tornou notável. Além disso, relatos indicam que Ginga exercia o poder de maneira abrangente, tendo vários maridos e concubinos à sua disposição. Lugarinho (2016) enfatiza que, aparentemente, a rainha Ginga exerceu todo o poder ao seu alcance, seja por sua própria vontade ou em resposta às demandas de combate. Ela o fez apesar das restrições impostas ao longo dos anos às mulheres pelo povo Ndongo.

Para exercer seu poder, Ginga precisou adotar roupas e posturas de um guerreiro, em vez de conformar-se com a aparência de uma rainha. Esse ato a levou a ultrapassar as fronteiras entre os gêneros masculino e feminino, uma questão minuciosamente discutida por antropólogos e historiadores.

Ao cruzar essa linha divisória, Paredes (2015) afirma que a separação entre gênero e sexo providenciou o espaço em que Ginga pôde construir e constituir novas identidades. A transformação de *género female to male* poderá ter sido o meio que Ginga encontrou para, numa realidade de agressão militar, se igualar às forças estrangeiras e assim, empoderada por qualidades militares atribuídas aos homens, manter a guerra de resistência contra o invasor português, numa base equivalente de confronto, uma guerra onde ambos os contendores articulavam masculinidades dominantes.

Desse modo, em um cenário predominantemente masculino, o protagonismo de Ginga se destaca como uma exceção. Inicialmente, o discurso português precisou enfatizar as características masculinas de Ginga para retratá-la como uma inimiga invencível, selvagem e insubmissa, apresentando-a como uma antítese da ordem. Por outro lado, o discurso angolano a elevou à condição de heroína nacional, mas ao mesmo tempo reduziu sua força e virilidade, suprimindo suas características distintivas em prol da homogeneização de um ideal de Estado e sociedade, onde as narrativas se encontram aquém dos discursos que as potencializam.

No entanto, somente por meio de sua apropriação pela cultura popular e pelo movimento feminista, além dos canais oficiais, é que sua história está sendo examinada a partir de uma perspectiva mais ativa e expressiva. Isso ocorre sem que se negligencie seu poder e a vigorosa virilidade que ela incorporou como mulher.

Quanto à obra de Agualusa (2015), especificamente, somos apresentados a uma líder que transcende as normas convencionais de gênero, tanto em seu comportamento como em sua representação simbólica. Observa-se na obra a ambiguidade de gênero e poder, em que a rainha Ginga é capaz de transformar-se fisicamente, assumindo uma postura e presença masculina, a fim de consolidar seu poder. Agualusa (2015) não simplesmente enfatiza sua força como uma líder feminina, mas também a representa com atributos tradicionalmente masculinos.

Assim, a rainha Ginga de Agualusa emerge como uma figura que desafia as construções tradicionais de gênero e poder. Ela não é apenas uma líder feminina em um mundo masculino, mas uma figura que habilmente navega e manipula as noções

de masculinidade e feminilidade para consolidar e exercer seu poder. Sua representação é um testemunho da complexidade do poder feminino e de como ele pode ser reconfigurado e reimaginado em diferentes contextos culturais e históricos.

3 FEMINISMO, MULHERISMO E VIRILIZAÇÃO DO PODER EM *A RAINHA GINGA - E DE COMO OS AFRICANOS INVENTARAM O MUNDO*

Neste capítulo, propõe-se uma exploração crítica das interseções entre feminismo, mulherismo e a representação literária do poder, conforme retratado em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa. A investigação aprofunda-se na maneira pela qual o texto entrelaça narrativas históricas e construções sociais de gênero, e como essas narrativas refletem e, simultaneamente, remodelam o entendimento contemporâneo de feminilidade e liderança. Esta análise não se limitará ao binário convencional, mas sim buscará nuances nas representações de poder e influência, pautadas pelo contexto africano específico da obra.

A primeira seção do capítulo, “Perspectivas Africanas em Foco”, inicia com um exame das teorias feministas africanas, em especial os trabalhos de Oyèronké Oyèwúmi, para contextualizar a rainha Ginga dentro das estruturas de poder pré-coloniais. A discussão se estende à abordagem crítica de Oyèwúmi sobre as categorizações de gênero, considerando a relevância de suas ideias para uma análise literária que transcende perspectivas eurocêntricas e ocidentais de dominação e resistência. Seguidamente, expande-se o escopo para além da figura de Ginga, apresentando um panorama de como a literatura global tem abordado as questões de gênero e empoderamento. Este segmento avalia as contribuições de várias autoras e suas obras, que têm desempenhado um papel significativo na conformação da consciência sobre o empoderamento das mulheres, em várias culturas e sociedades.

Ao longo deste capítulo, será adotada uma postura analítica que visa honrar as complexidades tanto da história representada, quanto da narrativa do romance. Em consonância com os debates teóricos de gênero, será dada especial atenção às maneiras como as dinâmicas de poder são retratadas, desafiadas e redefinidas por meio da lente da literatura africana contemporânea.

3.1 Perspectivas africanas em foco

Ao olhar para as perspectivas africanas sobre feminismo e poder, é possível entrelaçar o feminismo africano contemporâneo com a figura histórica da rainha Ginga, utilizando as críticas de Oyèronké Oyèwúmi como ponto de partida. Enquanto

no romance de Agualusa a rainha Ginga subverte as normas de gênero dentro de sua esfera de influência, Oyèwúmi (2000) nos convida a examinar como as estruturas familiares e as conceptualizações de gênero na África pré-colonial oferecem uma perspectiva crítica essencial para o feminismo contemporâneo. Por esse prisma, pode-se rever a imagem da rainha Ginga com uma nova profundidade e relevância.

A rainha Ginga governou em um contexto onde as relações de poder não estavam ancoradas na família nuclear ocidentalizada. Oyèwúmi (2000) desafia o feminismo ocidental a repensar suas bases ao reconhecer as estruturas sociais africanas em que conceitos como "esposa" e "marido" não são dominantes ou fixos. Analisando o poder e a influência da rainha Ginga é possível ilustrar como a dinâmica de gênero no Reino de Ndongo não corresponde às estruturas familiares eurocêntricas.

Em *Family bonds/Conceptual Binds* (Laços Familiares/Ligações Conceituais), Oyèwúmi (2000) aborda como a ausência de uma distinção de gênero na linguagem yorubá reflete uma organização social em que o poder não é determinado pelo gênero. A rainha Ginga, atuando dentro de uma matriz de poder similar, não se limitava a um papel de "esposa" ou "mãe" para afirmar sua autoridade, reforçando a tese de Oyèwúmi de que a compreensão feminista do poder e da identidade necessita de uma visão descolonizada.

Oyèwúmi (2000) enfatiza a interseccionalidade, alegando que as experiências das mulheres africanas não podem ser adequadamente entendidas sem considerar raça, classe e estrutura familiar. Ao aplicar essa abordagem interseccional à rainha Ginga vê-se uma líder que navegava e manipulava essas intersecções, utilizando a flexibilidade das estruturas sociais e de gênero africanas para manter e expandir seu poder.

Desse modo, ao incorporar a perspectiva de Oyèwúmi (2000), reconhece-se que a representação da rainha Ginga ressoa com uma realidade em que as relações de gênero não são predeterminadas por um padrão familiar centrado no casal conjugal, mas são influenciadas por uma vasta gama de fatores sociais, econômicos e culturais. Oyèwúmi apela para a necessidade de descolonizar o feminismo, entendendo as configurações familiares e as identidades de gênero dentro do próprio contexto cultural africano, sem a imposição de conceitos estrangeiros que falham em capturar sua essência.

Ao integrar a crítica de Oyèwúmi, o olhar sobre a rainha Ginga é ainda mais profundamente informado, enriquecendo a narrativa com uma complexidade que honra as nuances da história africana e as experiências das mulheres dentro dela. Esta abordagem não apenas desafia a universalização das experiências femininas, mas também celebra a pluralidade e a riqueza das formas de poder feminino que variam extraordinariamente além das fronteiras ocidentais.

Incluir o trabalho crítico de Oyèwúmi (2000) nesta análise sobre o romance de Agualusa (2015) e a rainha Ginga, não só honra as complexidades de seu contexto africano, mas também enriquece a compreensão do feminismo com uma narrativa mais diversa e complexa. A rainha Ginga, vista através do prisma das epistemologias feministas africanas, emerge não apenas como uma figura que transgride as normas de gênero, mas também como um ícone que ilustra a vitalidade e relevância de reconhecer e incorporar as nuances culturais e históricas africanas no discurso feminista contemporâneo.

A figura da rainha Ginga no romance de Agualusa, entrelaçada com a crítica de Oyèwúmi (2000), traz uma luz sobre a maleabilidade das normas de gênero dentro das sociedades africanas pré-coloniais. Esta perspectiva é amplificada pelos esclarecimentos da autora Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa (2009), que em seu artigo *Feminismo: A Busca por uma Variante Africana,* faz uma reflexão aprofundada sobre como as experiências únicas das mulheres africanas devem moldar o feminismo no continente.

Conforme Sotunsa (2009), a busca por um feminismo, que seja inerentemente africano, passa pelo reconhecimento de que a experiência da mulher africana é diferenciada e não pode ser plenamente compreendida por meio de lentes ocidentais. Tal argumento ressoa profundamente quando consideramos a rainha Ginga, em que sua liderança não se apoia em um feminismo importado, mas emerge de uma realidade onde as mulheres já exerciam poder de maneiras complexas e multifacetadas, muito antes da influência colonial.

Sotunsa (2009) defende que a noção de feminismo na África não deve ser uma importação, mas uma expressão autóctone, ou seja, nativa, que leva em conta as realidades socioculturais e históricas do continente. Isso significa reconhecer as estruturas de poder que preexistem ao colonialismo e que, como no caso da rainha Ginga, muitas vezes permitiam às mulheres uma agência considerável.

Enquanto o feminismo tem sido tradicionalmente associado à luta pela equidade de gênero, críticas substanciais foram feitas em relação à sua abordagem, muitas vezes, monolítica. Sotunsa (2009) enfatiza que a experiência das mulheres africanas deve ser entendida dentro do seu próprio contexto cultural e histórico, sem a imposição de paradigmas ocidentais. A discussão é ainda mais aprofundada quando consideramos as contribuições do mulherismo, uma vertente teórica e prática que emerge das críticas ao feminismo convencional.

O mulherismo, particularmente sua variante afroamericana, nasce da necessidade de se reconhecer as múltiplas opressões que as mulheres negras enfrentam – uma intersecção de racismo, sexismo e classismo – que não são plenamente abordadas pelo feminismo dominante. Patricia Collins (1991) e bell hooks (1998) apontam para a marginalização das mulheres negras dentro do movimento feminista, acentuando uma lacuna significativa na representação e nas lutas feministas.

Alice Walker, ao cunhar o termo “mulherismo”, proporciona uma perspectiva que enraíza a experiência e a luta das mulheres negras em sua cultura e vivência específicas. Walker (1983) descreve o mulherismo como uma abordagem inclusiva e holística que valoriza a totalidade das experiências das mulheres negras, diferenciando-se do feminismo tradicional ao não adotar uma postura separatista, mas sim uma que reconhece a importância da sobrevivência e integridade de todas as pessoas.

O conceito de mulherismo é ampliado, por outras vozes, como a de Hudson-Weems (1994), que propõem uma estrutura adaptada às necessidades das mulheres africanas e da diáspora africana. O “mulherismo africana”, conforme articulado por Hudson-Weems, é uma ideologia que foca nas experiências, lutas, necessidades e desejos das mulheres de ascendência africana, crítica à dinâmica entre o feminismo hegemônico e outros movimentos feministas.

Nah Dove (1998), em sua obra “Mulherismo Africana: Uma Teoria Afrocêntrica” defende que o reconhecimento do papel central das mulheres na resistência e na preservação da cultura africana é imprescindível. A obra de Sotunsa (2009) se alinha ao conceito de Dove (1998) sobre a necessidade de uma expressão feminista nativa africana.

Dove (1998) amplia essa necessidade com uma proposta de um Mulherismo Africano que entrelaça as lutas contra a opressão de gênero com a resistência ao

colonialismo e neocolonialismo. A abordagem da autora propõe uma recuperação e valorização das tradições africanas e do papel dinâmico das mulheres em sua história, não como uma mera resposta ao feminismo ocidental, mas como uma reafirmação da identidade e da autonomia africana.

Dove (1998) ressalta que, assim como a liderança da rainha Nzinga emerge de uma realidade pré-colonial em que as mulheres já detinham poder, o Mulherismo Africano reflete uma teoria e prática que emanam diretamente das experiências e estruturas sociais africanas. Esse paradigma é reforçado por Sotunsa (2009), sobre a agência das mulheres africanas, em contextos socioculturais e históricos específicos, rejeitando imposições externas e celebrando a complementaridade de gêneros na luta pela autodeterminação africana.

A obra de Dove (1998), portanto, enfatiza que a busca por um feminismo africano genuíno envolve a re-africanização e a recuperação de práticas culturais e sociais que exaltam a mulher africana. Ao adotar essa perspectiva, torna-se possível construir um entendimento mais profundo e abrangente das estruturas de poder dentro das sociedades africanas e da posição significativa que as mulheres ocupam nessas estruturas.

Essa abordagem integrada oferece um contraponto crítico ao feminismo convencional, indicando que as lutas das mulheres africanas não devem ser percebidas ou definidas unicamente por parâmetros ocidentais, mas sim por meio de uma análise afrocêntrica que honra suas experiências históricas e contemporâneas.

Ao considerar a resistência e autodeterminação enfatizadas por Dove (1998), bem como as análises de Oyèwúmi (2000) e Sotunsa (2009), a narrativa do romance de Agualusa sobre a rainha Ginga emerge uma imagem mais matizada e empoderada do feminismo africano e do papel que as mulheres têm desempenhado e continuam a desempenhar no tecido social e político de suas sociedades.

Portanto, ao contrastar o feminismo com o mulherismo, torna-se evidente que o último oferece uma crítica incisiva ao primeiro, realçando as complexidades das experiências das mulheres negras e a necessidade de uma luta antirracista e anticlassista que ande de mãos dadas com a luta antissexista. Conforme Sotunsa (2009) o mulherismo é distintivo não apenas em sua metodologia, mas também em sua filosofia, que é profundamente enraizada na cultura negra e enfatiza a centralidade da família, da comunidade e da maternidade.

Este ponto se alinha com a narrativa do romance de Agualusa (2015), em que a rainha Ginga transcende e transforma as normas de gênero, desafiando não apenas a dominação masculina, mas também as expectativas coloniais e do feminismo pró-branca. Ao mesmo tempo, a interpretação de Agualusa (2015) sugere que o poder de Ginga não derivava exclusivamente de sua posição dentro das estruturas de gênero, mas também de sua habilidade em navegar entre diferentes papéis sociais e políticos.

Adentrando ainda mais nos argumentos de Sotunsa (2009), percebe-se a ênfase na necessidade de um feminismo que reconheça e celebre os valores e a ética africana, destacando como a força das mulheres africanas tem sido uma parte integrante da tessitura social do continente. Por essa perspectiva, a rainha Ginga não é uma anomalia dentro desta narrativa; ela é uma expressão do poder feminino que, embora não universalmente reconhecido, tem sido uma constante na história africana.

Ademais, a narrativa literária de Agualusa (2015), em diálogo com as ideias de Sotunsa (2009), abre caminho para uma reimaginação do feminismo que seja fiel às origens africanas. É um convite para que as experiências das mulheres africanas, com suas nuances e complexidades, sejam o fundamento de um feminismo que é tão diversificado quanto o continente de onde provém.

No romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo,* de Agualusa (2015), encontramos uma protagonista cuja vivência e expressão de poder ressoam com as visões de feminismo africano propostas por Oyèwúmi (2000) e Sotunsa (2009). A rainha Ginga não é simplesmente retratada como uma figura de autoridade num vácuo histórico; ela é a personificação das teorias feministas africanas que estas duas autoras exploram.

A ambiguidade de gênero e o poder de Ginga que Agualusa (2015) descreve são um eco da crítica de Oyèwúmi (2000) à imposição de categorias de gênero com base no modelo ocidental; ela alega que, em muitas sociedades africanas pré-coloniais, as relações de poder não eram primariamente baseadas no gênero. Agualusa (2015) nos apresenta uma rainha Ginga que navega habilmente essas dinâmicas de gênero não ocidentalizadas, reivindicando assim tanto a masculinidade quanto a feminilidade para fortalecer seu domínio.

De forma semelhante, Sotunsa (2009) enfatiza a importância de um feminismo que nasce das experiências específicas das mulheres africanas, um feminismo que é integrado nas tradições, práticas e valores africanos. O romance de Agualusa (2015) não somente narra a história da rainha Ginga, mas também reflete a busca por um

feminismo que Sotunsa (2009) descreve, um feminismo que não é uma importação, mas uma expressão nascida da realidade complexa e diversificada da África.

Desta maneira, em consonância com as perspectivas de Oyèwúmi (2000) e Sotunsa (2009), Agualusa (2015) oferece um relato literário que não apenas honra a verdade das experiências femininas africanas, mas também as utiliza como um alicerce para desafiar e expandir o entendimento do feminismo. A rainha Ginga serve não apenas como uma representação da força e agência das mulheres africanas, mas também como um desafio às narrativas feministas que falham em reconhecer e valorizar a diversidade e a riqueza da história africana.

A obra de Agualusa (2015), *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, coloca em destaque uma figura feminina cujo poder e complexidade são ecoados nas discussões de feminismo africano levantadas por Oyèwúmi (2000) e Sotunsa (2009). Esta rainha Ginga literária transcende ser apenas um símbolo de resistência anticolonial e antipatriarcal, tornando-se uma manifestação genuína da variante de feminismo profundamente enraizada nas realidades sociais, culturais e políticas da África. A narrativa de Agualusa (2015) é, assim, uma celebração da forma como a identidade feminina pode ser moldada por - e resistir a - influências externas e históricas.

3.2 Contribuições literárias para a discussão sobre gênero e empoderamento

Inicialmente, ressalta-se que, a literatura pode servir como um espelho da sociedade, refletindo não apenas suas nuances culturais e valores, mas também desafiando e redefinindo as normas estabelecidas. Nesse contexto, a representação das mulheres ao longo das eras tem sido uma faceta intrigante da produção literária.

Desde as obras antigas, permeadas por estereótipos e convenções de gênero, até as narrativas contemporâneas que celebram a força e a resiliência feminina, a literatura desempenhou um papel crucial na exploração das complexidades do empoderamento feminino. Ao adentrar neste tópico, é imperativo reconhecer que a literatura não é apenas um espelho, mas também um veículo de mudança e ressignificação. Por intermédio das palavras e das histórias, a literatura molda percepções, desafia estereótipos e convida a uma análise profunda da relação entre gênero e empoderamento.

A representação feminina na literatura tem sido um reflexo da visão da sociedade em relação ao papel das mulheres. Ao longo das diferentes épocas literárias, os relatos a respeito da figura da mulher evoluiram significativamente, refletindo as mudanças culturais e sociais. Nas obras antigas, como as tragédias gregas, as mulheres muitas vezes eram retratadas como frágeis e submissas, presas às convenções sociais da época. No entanto, com o surgimento da literatura renascentista, surgem personagens femininas como a protagonista forte e astuta Beatrice, de *Muito Barulho por Nada*, de Shakespeare (1598), que começa a desafiar as expectativas convencionais.

O romance moderno trouxe novas perspectivas sobre a representação das mulheres na literatura. Autores começaram a criar personagens femininas mais complexas e multifacetadas, muitas vezes empoderadas e capazes de tomar suas próprias decisões. No romance *Jane Eyre*, de Charlotte Brontë (1847), a personagem titular quebra as barreiras da época ao buscar independência e autodeterminação, desafiando as convenções de gênero impostas. Essas representações empoderadas se intensificaram ainda mais com o movimento feminista do século XX, onde obras como *O Segundo Sexo*, de Simone de Beauvoir (1949), lançaram luz sobre a opressão histórica das mulheres.

A literatura tornou-se um veículo poderoso para questionar as noções preconcebidas de gênero e para desafiar as estruturas patriarcais, bem como desafiar as noções tradicionalmente estabelecidas em relação ao gênero, permitindo que autoras e autores explorem as complexidades das identidades femininas em meio a um contexto histórico e cultural em constante mudança. Duas autoras notáveis que se destacaram nesse esforço foram Virginia Woolf e Margaret Atwood, cujas obras têm sido ícones na luta pela igualdade de gênero.

Em sua obra *Um teto todo seu* (1929), Virginia Woolf deu voz às aspirações e frustrações das mulheres, explorando o impacto das restrições sociais e econômicas que limitavam o acesso das mulheres à educação e às oportunidades. Woolf (1929) argumenta que, para as mulheres verdadeiramente possam florescer intelectualmente e criativamente, elas precisam de independência financeira e de um espaço físico e mental em que possam se expressar livremente. Seu ensaio e sua análise da condição feminina na literatura e na sociedade lançaram luz sobre a importância de oferecer igualdade de oportunidades e criar um ambiente propício para que as vozes femininas sejam ouvidas e valorizadas.

Margaret Atwood, por sua vez, deixou sua marca na literatura com obras como *O Conto da Aia* (1985) e *Vulgo Grace* (1996). Em *O Conto da Aia*, Atwood cria um mundo distópico em que as mulheres são reduzidas a papéis rigidamente definidos, destacando como as estruturas patriarcais podem levar à opressão e à subjugação das mulheres. Por meio dessa narrativa sombria, Atwood (1985) ilustra como as noções preconcebidas de gênero podem ser usadas para controlar e manipular as mulheres, ao mesmo tempo em que ressalta a resiliência e a busca por liberdade.

Já em *Vulgo Grace*, Atwood (1985) mergulha na história de Grace Marks, uma criada condenada por assassinato no século XIX. Por meio dessa obra, Atwood explora as complexas nuances da feminilidade em uma sociedade que, muitas vezes, desconsidera as histórias e perspectivas das mulheres. A narrativa oferece uma visão abrangente das experiências de Grace, destacando a luta por autonomia e justiça em um mundo dominado por figuras masculinas de autoridade.

O empoderamento feminino é um tema intrincado e significativo dentro da literatura, capaz de ressignificar as narrativas tradicionais e desafiar as estruturas patriarcais. Autores contemporâneos, como Agualusa (2015), têm se destacado ao explorar e dar voz às experiências das mulheres em suas obras literárias. No romance discutido nesta dissertação, a figura da rainha Ginga emerge como um exemplo poderoso da representação feminina empoderada, que será abordada especificamente no próximo subtópico.

O cenário literário contemporâneo, impulsionado por movimentos sociais progressistas e uma crescente consciência sobre questões de gênero, tornou-se um espaço de destaque para o empoderamento feminino. Mais do que nunca, vozes femininas estão sendo ouvidas, respeitadas e celebradas, abordando uma variedade de questões que vão desde a equidade de gênero até desafios socioculturais específicos.

Nesse aspecto, ao redor do mundo, autoras estão se levantando e dando voz a narrativas anteriormente silenciadas ou marginalizadas. Não são apenas histórias de resistência, mas também de celebração, de autoconhecimento e de redescoberta. Jhumpa Lahiri em *Intérprete de Males* (1999), por exemplo, explora a diáspora sul-asiática e as complexidades da identidade em uma terra estrangeira. Arundhati Roy, em suas obras, como *O Deus das Pequenas Coisas* (1997) discute o impacto do neocolonialismo e a intersecção de gênero e classe na Índia contemporânea.

A literatura contemporânea também celebra a diversidade das experiências femininas. Autoras como Roxane Gay, em *Má Feminista* (2016), discute a interseccionalidade, reconhecendo que o feminismo não é uma experiência monolítica e que questões de raça, classe e orientação sexual interagem com a experiência de gênero de maneiras complexas.

Ademais, o cenário literário contemporâneo não se restringe apenas a romances ou ensaios. A poesia, particularmente, tornou-se um meio poderoso para desafiar normas sociais e expressar a resistência feminina. Poetas como Rupi Kaur e Warsan Shire têm usado suas palavras para discutir traumas, amores, corpos e identidades de maneiras que desafiam convenções literárias e sociais.

Rupi Kaur, poetisa de origem indiana radicada no Canadá, ganhou reconhecimento por sua abordagem franca sobre temas como amor, trauma e feminilidade, muitas vezes, utilizando sua própria experiência de vida como fundo. Seu estilo minimalista e sincero, que começou a ganhar notoriedade no Instagram, trouxe a poesia para uma nova geração.

Warsan Shire, nascida no Quênia e criada em Londres, entrelaça suas raízes somalis e sua vida na diáspora para abordar questões de migração, identidade e pertencimento. Seu trabalho, intensamente lírico, alcançou o grande público quando colaborou com Beyoncé no álbum *Lemonade*. Juntas, Kaur e Shire exemplificam como a poesia contemporânea está redefinindo e desafiando as normas estabelecidas, oferecendo reflexões poderosas sobre a experiência feminina global.

A literatura afrodescendente também desempenhou um papel vital na discussão sobre gênero e empoderamento, destacando as experiências únicas das mulheres negras e abordando os desafios enfrentados em uma sociedade marcada por desigualdades e preconceitos.

Obras como *Quarto de Despejo: Diário de uma Favelada* (1960), de Carolina Maria de Jesus, e *Úrsula* (1859), de Maria Firmina dos Reis, oferecem visões únicas das experiências das mulheres negras no Brasil. Enquanto, *Quem tem medo do feminismo negro?* (2018), de Djamila Ribeiro, explora as interseções entre raça, gênero e classe social. Recentemente, *Quando me Descobri Negra* (2021), de Bianca Santana, continua a tradição de literatura afrodescendente que amplifica as vozes e experiências das mulheres negras.

Essas obras, assim como muitas outras na literatura, demonstram como a escrita pode transcender as barreiras do tempo e do espaço para abordar questões

de gênero e empoderamento. Ao desafiar as estruturas patriarcais e ao dar voz às aspirações femininas por liberdade e igualdade, esses autores enriqueceram o panorama literário e contribuíram para a evolução da discussão sobre gênero na sociedade.

Nesse contexto, a representação da mulher como figura empoderada na literatura adquire um significado mais profundo. Ela reflete não apenas a evolução das perspectivas sociais, mas também o poder da literatura em si como uma força que molda e é moldada pela visão cultural de gênero. A análise das contribuições literárias para a discussão sobre gênero e empoderamento permite explorar a dinâmica interligada entre a ficção e a realidade, contribuindo para a desconstrução de estereótipos e a promoção de uma compreensão mais ampla e inclusiva das mulheres e seus papéis na sociedade.

À medida que aprofundamos a discussão sobre gênero e empoderamento na literatura, torna-se imperativo ampliar o olhar para além dos horizontes tradicionalmente dominantes. A riqueza das experiências femininas não conhece fronteiras e é moldada por uma diversidade de culturas e histórias. Assim, é essencial reconhecer e incluir as vozes de autoras de diferentes geografias e realidades sociais.

No contexto desta dissertação, torna-se ainda mais importante trazer as contribuições literárias de autoras africanas para a discussão, por exemplo: Oyèronké Oyèwmi, Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa e Nah Dove já citadas. Elas oferecem janelas valiosas para compreender os desdobramentos do feminismo e do empoderamento dentro de contextos africanos.

Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí, cientista social, teórica e feminista nigeriana, nascida em 1957, em Ògbọ́mọ̀ṣọ́, no atual Estado de Oyó, Nigéria, cresceu em uma linhagem importante da etnia yoruba. Seu pai tornou-se monarca de Ògbọ́mọ̀ṣọ́ em 1973, proporcionando a Oyèwùmí uma vivência precoce e íntima com as tradições e práticas culturais yorubá-oyó. Ela realizou seus estudos iniciais na mesma cidade e prosseguiu sua formação acadêmica em Sociologia pela Universidade de Ibadan (INSTITUTO LATINO AMERICANO DE ESTUDO AVANÇADOS, 2021).

Oyèwùmí avançou para obter seu Doutorado na Universidade da Califórnia, em 1993, com a tese *Mothers not women: making an african sense of western gender discourses* (Mães, não mulheres: compreendendo os discursos de gênero ocidentais à maneira africana), posteriormente transformada no influente livro *The Invention of Women: Making an African Sense of Western Gender Discourses* (A invenção das

mulheres: criando uma perspectiva africana dos discursos de gênero ocidentais) (1997).

Oyèwùmí é conhecida por seu enfoque pós-colonial e feminista nos Estudos Africanos e suas análises epistemológicas, que desafiam o predomínio ocidental na área; ela também investiga como a tradução de termos yorubá para o inglês carrega consigo premissas ocidentais que impõem um entendimento de gênero anacrônico ao contexto africano (INSTITUTO LATINO AMERICANO DE ESTUDO AVANÇADOS, 2021).

Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa, também conhecida como Bola Sotunsa, é uma acadêmica nigeriana e professora de Estudos de Gênero e Literaturas Orais Africanas na Universidade Babcock. Ela concluiu seu mestrado na Universidade de Ibadan em 1998, tornou-se autora de *Feminismo e Discurso de Gênero: A Experiência Africana* e obteve seu doutorado na mesma instituição. Sotunsa é reconhecida por sua contribuição para a literatura e cultura africanas, tendo proferido uma palestra inaugural sobre *Questões de Gênero e Dilemas Culturais na Literatura Africana* em 2018, além de ter publicado várias obras e colaborações editoriais relacionadas a este tema.

Nah Dove, uma acadêmica, autora e palestrante com experiência em estudos afro-americanos, tem uma história rica e diversificada que atravessa vários continentes, incluindo Gana, Nigéria, Serra Leoa, Canadá, Reino Unido e Estados Unidos. Nascida de pais ganeses e ingleses, Dove experienciou uma infância marcada pela transição da África para a Grã-Bretanha, onde enfrentou hostilidade e alienação. Após superar desafios pessoais, inclusive dois casamentos fracassados e a criação de seis filhos como mãe solteira, ela embarcou na educação superior na idade de quarenta anos. Sua trajetória acadêmica a levou a obter um mestrado com foco na educação de crianças negras, seguindo para um doutorado em estudos americanos na SUNY Buffalo, sob a influência da ativista dos direitos civis Ida Mae Holland.

O livro seminal de Dove (1998), *Afrikan Mothers: Bearers of Culture, Makers of Social Change* (Mães Africanas: Portadoras de Cultura, Criadoras de Mudança Social), oferece um exame profundo e único sobre a resistência das mulheres africanas às adversidades contemporâneas, com ênfase especial no racismo e na educação. Este trabalho foi celebrado por sua combinação de observações empíricas detalhadas e análise teórica, contribuindo significativamente para vários campos

acadêmicos, desde estudos africanos e de gênero, até educação e sociologia. Dove também coautorou obras importantes sobre o pensamento afrocentrado e fez contribuições substanciais para enciclopédias e antologias, como *New Daughters of Africa* (Novas filhas da África), editada por Margaret Busby, onde a obra de sua tia Mabel Dove-Danquah também é reconhecida.

Ao longo de sua carreira, Nah Dove publicou uma série de trabalhos, incluindo análises críticas de teorias sociológicas clássicas e artigos que delineiam o mulherismo africano, uma teoria centrada no afrocêntrico. Seu foco consistente em uma matriz centrada na mãe para examinar o *status* das mulheres e sua volta às práticas tradicionais de saúde evidenciam seu compromisso com a aplicação de perspectivas afrocêntricas na análise social e cultural. Dove deixa sua marca na academia com uma abordagem que mescla ativismo, orgulho maternal e rigor intelectual, inspirando novas gerações a abraçar e valorizar as culturas africanas, enquanto buscam transformações sociais significativas.

Ainda no contexto de literatura africana, a autora Chimamanda Ngozi Adichie é uma voz inegavelmente poderosa na literatura contemporânea. Sua obra *Sejamos Todos Feministas* (2014) é uma adaptação de sua palestra TEDx que se tornou um manifesto moderno sobre feminismo. Em *Meio Sol Amarelo* (2006), ela mergulha na história da Nigéria, explorando a Guerra de Biafra e seus impactos nas vidas das mulheres. Em cada uma de suas obras, Adichie constrói personagens femininas complexas e multidimensionais que desafiam estereótipos e narrativas simplistas.

É imprescindível para a compreensão das dinâmicas de gênero e empoderamento, sobretudo na América Latina, a inclusão de perspectivas que refletem as intersecções de raça, classe e gênero. Nesse espectro, as obras de Lélia Gonzalez emergem como um farol crítico, iluminando os contornos, muitas vezes, negligenciados pelos discursos dominantes.

Nascida no seio de uma família humilde em Belo Horizonte, Lélia Gonzalez transpôs as barreiras impostas pelas condições socioeconômicas adversas, agravadas pelas questões de raça e gênero. Sua jornada até o Rio de Janeiro não apenas foi uma travessia geográfica, mas também um deslocamento intelectual e ativista que reverberaria por toda a América Latina. A riqueza de suas contribuições literárias e acadêmicas, como na coautoria de *Lugar de Negro* e *Festas Populares no Brasil*, revela uma militância fundamentada e apaixonada contra a discriminação racial (Literafro, 2023).

Como uma das pioneiras do Movimento Negro Unificado, Gonzalez não se furtou a confrontar o sexismo e a marginalização das mulheres dentro das esferas de poder, propondo um feminismo afrolatinoamericano que reconhecia e priorizava as experiências das mulheres negras e indígenas. Seu legado, permeado pelo conceito de "Amefricanidade", propõe um entrelaçamento cultural que é intrínseco às identidades afro-latino-americanas e caribenhas, um aspecto que foi vital para desafiar a homogeneização cultural e promover um diálogo intercultural genuíno (Literafro, 2023).

A inovação de Gonzalez ao adotar o "pretoguês" em sua escrita, uma linguagem que traduzia suas ideias com maior acessibilidade, reforça sua intenção de dialogar com um público mais amplo, educando sobre questões raciais e culturais com uma abordagem que desafia as convenções acadêmicas. Gonzalez contribuiu imensamente para os estudos de gênero e empoderamento, fornecendo uma pluralidade de perspectivas essenciais para a literatura contemporânea (Literafro, 2023).

A história e obra de Gonzalez, especificamente, representam uma confluência de resistência e sabedoria, marcando um capítulo imprescindível na literatura sobre gênero e empoderamento, que continuará a inspirar e desafiar acadêmicos, ativistas e leitores por gerações vindouras.

A contribuição de todas essas autoras trazidas neste tópico, não apenas enriquece a tapeçaria literária, mas também ressalta a importância de ouvir e valorizar vozes diversas. Oyèronké Oyèwmi, Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa, Nah Dove, Chimamanda Ngozi Adichie, Lélia Gonzales, cada uma a seu modo, desmantelam as narrativas eurocêntricas e patriarcais, que muitas vezes dominam o discurso sobre feminismo e empoderamento, apontando para a necessidade de uma abordagem mais pluralista e inclusiva.

Nesse aspecto, a literatura tem o poder de abrir portas para novos mundos e oferecer vislumbres de experiências que podem ser diferentes das nossas, mas que são igualmente válidas e necessárias para a compreensão da complexidade humana e cultural. Por meio das histórias de mulheres de diversas origens, podemos começar a entender as muitas formas que a resistência, a resiliência e a realização podem assumir.

No entanto, é crucial não apenas celebrar essas narrativas, mas também refletir sobre os sistemas de poder que continuam a influenciar quais histórias são contadas

e ouvidas. A indústria editorial, a academia e as esferas culturais em geral têm um papel fundamental em dar destaque e legitimidade às vozes marginalizadas.

A discussão sobre gênero e empoderamento na literatura, portanto, é um convite contínuo para questionar, aprender e crescer. É um convite para reconhecer a literatura como um campo de batalha simbólico, onde as identidades são construídas, desafiadas e reinventadas. Neste contexto, a figura da mulher empoderada não é apenas um personagem em uma página; ela é um símbolo de possibilidade, um farol de mudança e um testemunho da força inabalável do espírito humano.

Com isso em mente, a literatura continua a ser uma arena vibrante onde as questões de gênero e empoderamento são debatidas e reimaginadas. Nessa esfera, surgem também debates vitais sobre o entrelaçamento de raça, cultura e história, fornecendo aos autores e leitores um convite para se engajar em conversações mais abrangentes acerca de igualdade, justiça e reconhecimento da humanidade em sua vasta gama. No cerne dessas discussões, encontramos uma ênfase crescente na necessidade de transcender uma perspectiva exclusivamente ocidental e eurocêntrica. Reconhece-se a importância de valorizar as narrativas frequentemente marginalizadas do povo negro e da riqueza cultural africana, bem como os princípios do feminismo e do mulherismo, que reivindicam o respeito à pluralidade das experiências femininas.

Este diálogo literário procura um mundo onde todas as mulheres, de todas as culturas, etnias e classes sociais, possam desfrutar de liberdade e estar cientes de seu poder e potencial, resistindo a qualquer forma de subjugação - seja ela originada na dominação masculina, na opressão cultural ou nos resquícios de uma supremacia ariana. A visão é de um futuro onde a literatura não só reconhece, mas celebra integralmente a plenitude da experiência feminina, posicionando cada mulher como protagonista de sua própria história e como parte vital de uma sociedade mais equitativa e consciente.

Além disso, de uma perspectiva contemporânea, o conceito de gênero tem se tornado cada vez mais relevante nas discussões sociais e acadêmicas, especialmente nas últimas décadas. O termo "gênero" não se refere apenas ao sexo biológico de uma pessoa, mas abrange um conjunto complexo de papéis, comportamentos, identidades e expressões construídos socialmente, que variam de acordo com o contexto cultural e histórico.

Nesse sentido, o gênero é uma construção social, que vai além das diferenças biológicas entre homens e mulheres. A sociedade atribui valores, expectativas e normas específicas a cada gênero, influenciando a forma como as pessoas se comportam, se relacionam e são vistas na comunidade. Essa construção social muitas vezes reforça estereótipos e papéis de gênero rígidos, que podem limitar as possibilidades de indivíduos e perpetuar desigualdades (Holovko; Cortezzi, 2017).

Cabe destacar que, gênero é diferente de identidade de gênero, a identidade de gênero refere-se à autopercepção de uma pessoa em relação ao seu gênero, que pode ou não corresponder ao sexo biológico atribuído no nascimento. Algumas pessoas se identificam com o gênero atribuído, enquanto outras podem se identificar com um gênero diferente, ou mesmo com uma identidade de gênero não-binária, que não se enquadra nas categorias tradicionais de masculino e feminino. Ressalta-se que, a compreensão e respeito à diversidade de identidades de gênero são fundamentais para a promoção da inclusão e do bem-estar social (Wood, 2021).

Já a expressão de gênero diz respeito à forma como as pessoas apresentam seu gênero ao mundo, através de características como roupas, comportamentos, estilos de fala e gestos. A sociedade muitas vezes impõe normas estritas sobre como cada gênero deve se expressar, o que pode levar à discriminação e ao preconceito contra aqueles que desafiam essas expectativas. A liberdade de expressão de gênero é um direito humano fundamental e deve ser protegida e respeitada em todas as culturas e sociedades (Wood, 2021).

No que se refere ao gênero e à sexualidade, é importante distinguir a identidade de gênero da orientação sexual, pois são conceitos distintos. A identidade de gênero diz respeito à forma como uma pessoa se vê e se sente em relação ao gênero, enquanto a orientação sexual refere-se ao padrão de atração romântica ou sexual de um indivíduo em relação a outros. Ambos os aspectos são fundamentais para a compreensão plena da diversidade humana e devem ser respeitados como parte essencial da identidade pessoal (Holovko; Cortezzi, 2017).

Traçados os conceitos, cabe destacar que a desconstrução de normas de gênero rígidas e a promoção da igualdade de gênero são tarefas essenciais para a sociedade. Nesse aspecto, políticas públicas e movimentos sociais são fundamentais para a conquista de uma sociedade mais inclusiva e igualitária.

De acordo com Mota e Bastos (2018), o debate sobre a desigualdade de gênero não é algo recente. Ao longo da história, as mulheres foram sistematicamente

relegadas a posições de pouca relevância. Desde os tempos da Grécia Antiga, os homens eram os únicos com o direito exclusivo de ocupar e exercer a cidadania na esfera pública, enquanto as mulheres eram confinadas aos deveres domésticos no âmbito privado, assumindo funções relacionadas ao cuidado do lar e dos filhos. Durante o período iluminista, aquelas mulheres que ousaram buscar a igualdade defendida pela Revolução Francesa e reivindicar seus direitos, foram duramente reprimidas, podendo inclusive enfrentar a pena de morte na guilhotina.

A discussão sobre a desigualdade de gênero persiste até os dias atuais, com as mulheres enfrentando condições desiguais no ambiente de trabalho, especialmente em contextos de trabalho precário nos países em desenvolvimento, como o Brasil. Sendo que tal desigualdade estende-se aos cargos de maior superioridade hierárquica, bem como na política brasileira.

Para Mota e Bastos (2018), a violência de gênero contra as mulheres trata-se de um fenômeno produzido pela desigualdade social e de gênero. A desigualdade de gênero é produto do regime de exploração e dominação que se origina do patriarcado, permeado de relações de poder que situam as mulheres em desvantagem em todas as áreas da vida humana. Assim, as ideologias difundidas pelos sistemas patriarcal e capitalista, juntamente com a naturalização da violência, contribuem para a manutenção da desigualdade social.

Izquierdo (1998) argumenta que a desigualdade das mulheres é resultado de um regime de exploração derivado da dominação, tanto na vida pública quanto na privada; ela enfatiza que o conceito de gênero tem sido utilizado de forma indiscriminada, sem considerar sua relevância teórica e política. A autora diferencia gênero e sexo, destacando que o gênero é uma construção social que vai além do aspecto mental, sendo também material.

Apesar do uso generalizado do termo gênero, seu conteúdo varia significativamente, relacionando-se historicamente com a desigualdade social das mulheres. Para Izquierdo (1998) isso ocorre devido a jogos de interesses e formas de poder que influenciam a definição dos conceitos sobre a desigualdade social das mulheres.

Nas palavras da autora:

> [...] podemos estudar a desigualdade de gênero em termos de estrutura social. A sociedade se encontra estruturada em dois gêneros, o que produz e reproduz a vida humana, e o que produz e

> administra os meios que permitem a ampliação da vida humana ou sua destruição massiva. Vemos que o setor produtivo da vida humana se organiza em condições de dependência em respeito ao setor dedicado ao crescimento e desenvolvimento. Este último não é autônomo, mas sim dominante (Izquierdo, 1998, p. 51).

Conforme a citação acima, a desigualdade de gênero em termos de estrutura social, quer dizer que a sociedade está dividida em dois gêneros: um responsável pela produção e reprodução da vida humana e outro pelo crescimento e desenvolvimento. O setor produtivo, associado a atividades consideradas "femininas", é subordinado e não autônomo em relação ao setor dominante, associado a atividades "masculinas". Essa divisão resulta em desvalorização e subordinação das atividades femininas, criando uma desigualdade de poder, prestígio e recursos entre os gêneros.

Desse modo, a desigualdade de gênero está relacionada à relação entre reprodução e dominação. Essa desigualdade ocorre independentemente de quem esteja envolvido nas atividades em questão, sejam mulheres ou homens. No entanto, as atividades consideradas femininas sempre são inferiores em termos de redistribuição, formação, prestígio e/ou poder em comparação com as atividades consideradas masculinas, independentemente de quem as exerça, seja homem ou mulher (Izquierda, 1998).

Saffioti (2015), uma importante socióloga brasileira, trouxe uma contribuição significativa para o debate sobre desigualdade de gênero, feminismo e patriarcado. Em sua obra: “Gênero, patriarcado, violência”, ela utiliza a ontologia lukacsiana[1], para analisar a constituição histórica do conceito de gênero.

Uma das principais contribuições de Saffioti (2015) é a diferenciação entre os conceitos de gênero e patriarcado:

> O patriarcado refere-se a milênios da história mais próxima, nos quais se implantou hierarquia entre homens e mulheres, com primazia masculina. Tratar esta realidade em termos exclusivamente do conceito de gênero distrai a atenção do poder do patriarca, em especial como homem/marido, “neutralizando” a exploração dominação masculina. Neste sentido, e contrariamente ao que afirma a maioria das (os) teóricas (os), o conceito de gênero carrega uma

[1] A ontologia lukacsiana é uma corrente filosófica desenvolvida por György Lukács, que enfatiza a natureza social e histórica do ser humano. Segundo essa abordagem, as relações sociais moldam a essência do indivíduo, que é influenciado pelas contradições e transformações da sociedade. Lukács utiliza a dialética como método para compreender as complexidades da realidade e destaca o conceito de "reificação", onde as relações sociais são transformadas em coisas, alienando as pessoas e obscurecendo sua consciência. A ontologia lukacsiana busca resgatar a consciência dos indivíduos e promover uma análise crítica da sociedade, visando à emancipação e à busca por uma sociedade mais justa e igualitária.

> dose apreciável de ideologia. E qual é esta ideologia? Exatamente a patriarcal, forjada especialmente para dar cobertura a uma estrutura de poder que situa as mulheres muito abaixo dos homens em todas as áreas da convivência humana. É a esta estrutura de poder, e não apenas à ideologia que a acoberta, que o conceito de patriarcado diz respeito. (Saffioti, 2015, p. 145).

Assim, enquanto o patriarcado se refere a uma forma específica de organização social baseada na dominação masculina e no controle das mulheres, o conceito de gênero é muito mais amplo e abrange toda a história da humanidade. Para Saffioti (2015), o gênero compreende todas as relações sociais construídas em torno das diferenças sexuais, envolvendo as representações culturais e sociais sobre o que é ser homem ou mulher. Esse conceito vai além do patriarcado, abarcando toda a diversidade de experiências e vivências de gênero ao longo do tempo.

Em contrapartida, o patriarcado é um sistema específico que emergiu mais tardiamente na história da humanidade, aproximadamente nos últimos seis ou sete mil anos. Esse sistema patriarcal se caracteriza por uma estrutura social hierárquica, na qual os homens detêm o poder e exercem controle sobre as mulheres. Ele se sustenta em relações de exploração sexual e econômica, consolidando a subordinação das mulheres em diversas esferas da vida (Saffioti, 2015).

Ao diferenciar gênero e patriarcado, Saffioti (2015) destaca que o gênero é uma categoria ontológica que abarca toda a história humana, enquanto o patriarcado é uma forma específica de dominação que se enraizou em determinado momento da história, mas que não abarca toda a complexidade das relações de gênero.

Essa análise permite uma compreensão mais aprofundada da construção social do gênero e das relações de poder entre homens e mulheres ao longo do tempo. Ao reconhecer que o gênero é uma categoria ampla que abrange diversas manifestações culturais e históricas, é possível compreender melhor as raízes da desigualdade de gênero e da violência contra as mulheres em diferentes contextos sociais.

Em consonância com os estudos analisados, para Cisne (2015), a situação atual do Brasil é influenciada por uma formação social racista e patriarcal. Nesse contexto, a luta política por direitos torna-se indispensável, especialmente em tempos de avanço de ideais reacionários e conservadores, que colocam em questão as garantias das condições de vida e a dignidade das populações historicamente discriminadas, como as mulheres.

4 ESTÉTICA NARRATIVA E TRAÇOS MARCANTES DA OBRA DE AGUALUSA

No quarto capítulo desta dissertação, a atenção é redirecionada à trajetória literária de José Eduardo Agualusa, explorando como a estética narrativa se manifesta essencialmente em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*. A análise abrange o emprego deliberado de elementos literários pelo autor, desde a seleção de palavras até a arquitetura da narrativa, fornecendo uma perspectiva única sobre os eventos e personagens que definem sua trama. As características singulares do estilo de Agualusa emergem por meio de figuras de destaque e cenários que capturam a dinâmica entre realidade e ficção.

Este capítulo visa aprofundar a compreensão além do conteúdo do capítulo anterior, oferecendo um olhar detalhado sobre como Agualusa articula suas histórias para refletir sobre temas como identidade e autoridade. A intenção é estabelecer um terreno firme para avaliar meticulosamente as técnicas literárias de Agualusa, que desafiam perspectivas convencionais acerca de gênero, poder e seus contextos cultural e histórico.

Avança-se para uma análise rigorosa dos métodos narrativos e traços marcantes nas obras de Agualusa. A atenção será voltada para como o autor não apenas espelha, mas também molda percepções de identidade, gênero e poder, especialmente através da figura da Rainha Ginga. Procura-se esclarecer como sua prosa serve como um veículo para diálogos sobre o passado e seu eco no presente.

Inicialmente, traça-se o percurso do escritor, iluminando como ele entrelaça história e ficção, e o impacto dessa fusão na literatura contemporânea. Prosseguindo, explora-se as táticas narrativas empregadas, discutindo como Agualusa estrutura a trama e desenvolve seus personagens principais para compor um retrato vívido de autoridade e identidade, influenciando assim a representação de sua protagonista.

O segmento examina-se o caráter inovador da caracterização de Ginga. Aqui, foca-se na crítica literária às normas de gênero estabelecidas e como Agualusa emprega a figura de Ginga para questionar e expandir a compreensão dessas normas. Este estudo revela como a representação de Ginga atua não apenas como um mecanismo de poder, mas também como um comentário social sobre as expectativas de gênero.

Assim, este capítulo se apresenta como um componente essencial desta dissertação, fornecendo as lentes analíticas necessárias para uma compreensão mais profunda. Ele expande nosso entendimento sobre Agualusa, preparando o cenário para um exame abrangente da *Rainha Ginga* e estabelecendo-a como um ícone literário que desafia as normas de gênero e poder.

4.1 Análise das estratégias narrativas de Agualusa na construção da virilidade e poder em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo.*

José Eduardo Agualusa, cujo nome completo é José Eduardo Alves da Cunha, nasceu em 13 de dezembro de 1960, em Huambo, no planalto central de Angola, a cerca de 300 quilômetros da costa, filho de mãe brasileira e pai português. O nome "Agualusa" era utilizado por marinheiros para se referirem a um mar calmo, e ele escolheu esse nome devido à crença de que certos nomes moldam destinos, sendo ele atraído pela ideia do mar. Essa afinidade com o oceano se reflete em sua escolha de residir em locais próximos ao mar, como Luanda, Lisboa, Rio de Janeiro e Ilha de Moçambique. Ele mantém uma vida itinerante entre Angola, Brasil e Portugal, enxergando cada local como personagem para suas obras, especialmente Luanda.

O nascimento de Agualusa ocorreu em um período historicamente marcado pelos movimentos de descolonização em Angola. Suas vivências e memórias são profundamente influenciadas pela história de seu país: a colonização, os movimentos nacionalistas, a independência, a guerra civil e o pós-guerra. Esses contextos entrelaçam-se em sua vida, e suas obras refletem suas interpretações desses acontecimentos.

Apesar de ter estudado Silvicultura e Agronomia em Lisboa, Agualusa abandonou a faculdade para se dedicar ao jornalismo e à literatura. Ele contribuiu para diversos periódicos, como o Expresso, o Público, o África Jornal, O Globo, a revista LER e o portal Rede Angola. Além disso, apresentou o programa de rádio "A Hora das Cigarras", focado em música e poesia africanas, na RDP África. Ele considera as bibliotecas como seu ambiente de transformação em escritor, pois elas proporcionaram acesso a uma ampla gama de livros. Seu primeiro romance, *A Conjura*, foi majoritariamente escrito em uma biblioteca pública.

Agualusa é membro da União dos Escritores Angolanos e foi agraciado com diversos prêmios, incluindo o *Independent* de Ficção Estrangeira pelo romance *O Vendedor de Passados*. Ele também se tornou o primeiro autor de língua portuguesa a ganhar o prestigioso *International Dublin Literary Award* com a obra *Teoria Geral do Esquecimento*. Seus trabalhos são publicados e traduzidos internacionalmente, com foco nas questões históricas e sociais de Angola.

Suas narrativas, como *Estação das Chuvas* (1996), *Nação Crioula* (1997), *O Vendedor de Passados* (2004), *As Mulheres do Meu Pai* (2007) e *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* (2015) refletem uma relação estreita com a história de Angola, denotando seu olhar sensível para o passado entrelaçado com a memória do povo. Além de romances, Agualusa escreve poemas, contos e peças teatrais. Suas obras não oferecem soluções diretas para os desafios da sociedade angolana, pois ele adota uma abordagem crítica e irônica, enfatizando temas como tradição, história, identidade e fronteiras.

Ao entrelaçar fatos e ficção, Agualusa emprega sua linguagem literária para entender e interpretar a história de sua nação, buscando entendimento sobre os problemas contemporâneos. Essa abordagem literária reflete sua necessidade de refletir sobre o passado e as questões atuais de Angola.

Uma vez analisada a história do autor Agualusa, esta seção mergulha nas estratégias narrativas empregadas por ele, para aprofundar a complexidade da interação entre a virilização do gênero feminino e o exercício de poder na obra *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*. O foco se direciona para as nuances linguísticas, simbolismos e metáforas utilizados pelo autor para criar camadas adicionais de significado à narrativa, enriquecendo assim a compreensão da relação entre a figura histórica e as questões de gênero e poder.

Nesse sentido, a literatura desempenha um papel essencial na criação de um diálogo entre diferentes formas de arte, oferecendo perspectivas para a compreensão histórica e social de diferentes épocas. Para Candido (2000), ela está intrinsecamente ligada aos eventos que moldam a dinâmica social presente, estabelecendo uma conexão profunda dela com o contexto social. Dentro da esfera da ficção, a literatura transforma elementos da realidade em produtos estéticos, moldados e refinados pela poética individual de cada escritor.

O material originado da realidade serve como um veículo que guia para a criação de um valor estético fictício. Candido (2000) destaca que a análise crítica deve

identificar os fatores externos que influenciam o aspecto interno da obra e seu significado. Esse enfoque possibilita estabelecer uma conexão entre os estudos literários e as investigações históricas e sociais de Angola.

É importante ressaltar que Antônio Candido, em sua obra *Literatura e Sociedade* (2000), explora as interações entre a arte e o ambiente social. Nesse contexto, o autor explana o conceito da crítica dialética, que considera a interação entre o texto e o contexto. Candido (2000) examina como elementos externos e sociais, combinados com aspectos psicológicos e linguísticos, formam uma unidade dialética na forma artística, constituindo a estrutura das obras.

No capítulo "Crítica e Sociologia", Candido (2000) ensina que a interpretação de uma obra requer a consideração tanto das circunstâncias históricas de sua criação quanto das operações formais que a compõem, a fim de compreender e descrever a totalidade da obra. Conforme a abordagem da crítica dialética, os elementos sociais e externos desempenham um papel intrínseco na estrutura literária, não servindo apenas como causa ou significado. Essa perspectiva não aceita visões fragmentadas, pois a integridade orgânica da obra literária demanda uma "interpretação dialeticamente íntegra", que seja capaz de unir o texto ao contexto.

Em sua obra, Agualusa utiliza a linguagem como um veículo para destacar a transformação da personagem da rainha Ginga em uma figura de autoridade. Através desse uso assertivo, franco e frequentemente relacionado ao universo masculino, o autor subverte as expectativas convencionais de como mulheres devem falar e agir. Assim o modo de falar da rainha Ginga é tipicamente associado à esfera masculina, desafiando as normas de gênero e reivindicando seu espaço como líder, de forma que não apenas reflete sua autoridade, mas também a reforça, permitindo que a personagem exerça poder sobre seus seguidores e inimigos.

Também é possível encontrar, na obra de Agualusa (2015), simbolismo e metáfora, que o autor recorre para aprofundar a complexidade da relação entre a virilização do gênero feminino e o exercício de poder. Elementos como as vestimentas masculinas adotadas por Ginga, suas atitudes assertivas e sua estratégia militar são metáforas visuais que ressaltam sua resistência às normas de gênero e sua busca pela igualdade no exercício de poder. O uso de simbolismos, como a figura da espada que ela empunha com destreza, representa não apenas a força física, mas também a força psicológica e a determinação que ela incorpora.

Ademais, ao explorar as estratégias narrativas de Agualusa, torna-se evidente que a literatura desempenha um papel crucial na ressignificação de figuras históricas e na análise de dinâmicas de gênero e poder. O autor utiliza a narrativa ficcional como um espaço de reimaginação e reconstrução, permitindo que a rainha Ginga transcenda sua representação histórica tradicional. Agualusa (2015) dá presesença à personagem, possibilitando que ela reescreva sua própria história e desafie as narrativas dominantes que subjugam as mulheres na história. Ao fazê-lo, a literatura se revela como um poderoso instrumento para desafiar e questionar as normas de gênero e revelar perspectivas alternativas que ecoam através do tempo.

De acordo com Sidrim (2019), Agualusa imerso em um contexto atual tumultuado, reconfigura a ideia tradicional de uma identidade nacional angolana, propondo-a como uma entidade em constante formação. Ao invés de aceitar a identidade como algo estático, ele a vê como uma entidade fluida, moldada pelas interações culturais, posicionando assim Agualusa em um espaço intermediário na literatura de língua portuguesa.

Para Sidrim (2019), o meio escolhido por Agualusa para questionar a história angolana é o romance. Este formato, no entanto, não se limita a um único gênero textual, permitindo uma vastidão de expressões para que a voz pós-colonial relate sua trajetória, tradição e sociedade. No coração da estrutura romanesca, a escrita epistolar é destacada por sua capacidade, entre outras razões, de recuperar partes da história angolana que foram omitidas ou minimizadas nas narrativas portuguesas.

No contexto das literaturas africanas, Ana Mafalda Leite (1998), em sua obra *Oralidades e escritas nas literaturas africanas,* destaca a sinergia inerente entre oralidades e escritas, uma fusão que dá voz às tradições, mitos e histórias transmitidas através de gerações. Agualusa (2015), em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, exemplifica essa intersecção ao entrelaçar a narrativa histórica da rainha Ginga com elementos da tradição oral angolana. Seu estilo literário não apenas reconta eventos históricos, mas também invoca a riqueza da cultura oral, conferindo uma profundidade multifacetada à sua representação de Ginga.

Leite (1998) argumenta que esta interação entre oralidade e escrita serve como uma ferramenta de resistência e reafirmação identitária. Em consonância com essa ideia, Agualusa recria a figura da rainha Ginga, não apenas como uma personagem histórica, mas como uma representação do poder, resistência e identidade angolana. Através de sua escrita, ele resgata as nuances da tradição oral, permitindo que a voz

da rainha ecoe não apenas como um eco do passado, mas como um testemunho atemporal de determinação e resistência.

Um exemplo disso, é quando a Ginga conta uma fábula: “Senta-te, ordenou, vou contar-te uma história que o meu pai me contou a mim, depois de a ter escutado ao pai dele. Aqui, neste chão de África, nós gostamos de contar histórias”. E, assim, ela conta a história de uma moça chamada Mocambo, que já na idade de se casar se vê entre dois pretendentes, o elefante e o sapo. Ao contar a fábula, Ginga conta muito mais que uma historinha infantil, ela fala de tradição, de valores, colocando uma questão para ser refletida, como descreve o autor:

> Riu-se muito a Ginga ao contar-me a fábula. Riram-se as suas fidalgas e mucamas. Riuse Domingos Vaz enquanto a traduzia. Eu não me ri. Achei-a ingénua e disparatada, como um conto para divertir infantes. Contudo, fiquei a pensar nela e no que a Ginga me teria querido dizer ao contá-la (Agualusa, 2015, p. 21)

Ainda, considerando a perspectiva de Leite sobre a audiência das literaturas africanas, a obra de Agualusa pode ser vista como uma ponte entre mundos. Ele escreve tanto para angolanos que possuem um profundo entendimento das tradições orais associadas à rainha Ginga, quanto para um público internacional que pode estar se familiarizando com ela pela primeira vez. Através da incorporação da oralidade em sua escrita, Agualusa garante que a história de Ginga seja universalmente ressoante, mantendo ao mesmo tempo sua autenticidade cultural intrínseca.

Para Paulo (2021), a literatura pós-colonial, particularmente na obra de Agualusa, serve como uma ferramenta poderosa para explorar e refletir sobre identidades, culturas e memórias moldadas pela colonização. Através da confluência das culturas europeias e das nações colonizadas, esses escritos reinterpretam as relações históricas, dando destaque à memória como elo de ligação com a ancestralidade e à necessidade de reavaliação e reconstrução das identidades.

As literaturas africanas ao se esforçarem para se distanciar das influências europeias, apresentam características intrinsecamente africanas, valorizando a diversidade e riqueza cultural dos contextos de onde surgem. Esta abordagem literária não só destaca a pluralidade da literatura africana, mas também reivindica seu lugar significativo no cenário literário global.

Em *Seis propostas para o próximo milênio*, Calvino (1995) esboça cinco palestras destinadas à Universidade de Harvard, destacando qualidades que os

escritores deveriam adotar no futuro: a leveza para se elevar acima da densidade da vida; rapidez para refletir em um mundo frenético; exatidão na linguagem e informação; visibilidade em imagens literárias; e multiplicidade para abraçar a vastidão da experiência humana. Planejada como a sexta proposta, a "Consistência" permaneceu inacabada devido ao seu falecimento. A obra ressalta a visão de Calvino sobre a literatura e os desafios da modernidade.

Na obra de Agualusa (2015) é possível encontrar estes elementos, a "leveza", por exemplo, é evidente no modo como Agualusa aborda a vasta história em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*. Apesar de seu enraizamento em eventos históricos concretos, a narrativa possui uma leveza literária, alternando entre fatos e ficção, e entre a realidade histórica da Rainha Ginga e a imaginação poética do autor.

O valor da "exatidão", conforme defendido por Calvino (1995), também encontra ressonância em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo.* Agualusa caminha por uma linha tênue entre a precisão da representação dos eventos e a liberdade de interpretação e reimaginação. Tal equilíbrio permite ao leitor um vislumbre da história angolana, não como um registro estático, mas como uma entidade viva e pulsante. E quando se considera a "visibilidade", é notável como Agualusa retrata Angola, com descrições tão ricas que transportam o leitor diretamente para a paisagem, os sons e os aromas da época.

A "multiplicidade", outra proposta de Calvino, é talvez a mais proeminente em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo.* O romance não é apenas a saga de uma Rainha, mas uma história multifacetada de Angola, sua história, cultura e identidade. Através das diversas vozes e perspectivas presentes na obra, Agualusa (2015) tece uma narrativa rica que reflete a complexidade da identidade angolana, indo além da figura central e abordando as inúmeras histórias e destinos que compõem a nação.

Destaca-se que, à medida que desvelamos a complexidade da Rainha Ginga através da análise da prosa poética e dos diálogos penetrantes, é essencial agora mergulhar mais a fundo nas estratégias narrativas que Agualusa emprega para forjar a imagem da virilidade desta figura histórica. A seguir, examina-se exemplos concretos da obra, detendo-nos sobre os símbolos e metáforas que moldam a Rainha Ginga não apenas como um símbolo de poder, mas como uma encarnação da

virilidade em um contexto angolano repleto de tradições orais e histórias reimaginadas.

Agualusa utiliza estratégias narrativas multifacetadas para construir os temas de virilidade e poder. A inversão de papéis de gênero é notável no modo como a protagonista, Ginga, se impõe como "rei", desafiando as expectativas convencionais de liderança feminina e virilidade, como mostra o trecho: “A Ginga, agora rainha Ginga, ou melhor rei Ginga, porque assim exigia ser tratada, queria ver-me” (*ibidem*, p. 26). Esta escolha não só destaca a força de Ginga em um contexto dominado por homens, mas também oferece uma reflexão contemporânea sobre as construções de gênero.

Agualusa aprofunda esta representação ao entrelaçar as vozes de personagens históricos e fictícios, permitindo que a narrativa apresente uma imagem poliédrica de Ginga. As várias perspectivas fornecem uma visão mais rica da virilidade e do poder, sublinhando a complexidade e as nuances de sua liderança. Por exemplo, o Padre Francisco narrador-personagem descreve-a de forma masculinizada desde o começo de seus registros:

> Ginga discutia em alta voz com o irmão, como se com ele partilhasse a mesma vigorosa condição de macho e de potentado. Já na altura não admitia ser tratada como fêmea. E era ali tão homem que, com efeito, ninguém a tomava por mulher (Agualusa, 2015, p. 12).

A rainha Ginga é retratada não apenas como uma figura guerreira, mas também como uma diplomata sagaz, deslocando a noção de virilidade para além da pura força física, conforme pode se extrair do relato do narrador-personagem Francisco:

> Isaac voltou-se para Ingo. Ouvira falar muito na Rainha Ginga. Ouvira falar na sua bravura e sagacidade. Dizia-se que era tão hábil enquanto diplomata, manejando palavras e argumentos, quanto nos campos de batalha, com o arco e as flechas. A Companhia gostaria de a ter como aliada na guerra contra os portugueses. Ele só não estava certo de que nós a representássemos (Agualusa, 2015, p. 66).

Esta dialética entre a força e a diplomacia sugere que o poder verdadeiro reside na habilidade de adaptar-se e manobrar dentro de complexidades sociais e políticas, uma faceta essencial da liderança de Ginga, O narrador-personagem enriquece a imagem masculinizada de Ginga com qualidades como a esperteza, a habilidade e a eloquência nos assuntos bélicos, as quais foram cruciais para que ela enfrentasse a coroa portuguesa com bravura por quase quatro décadas.

> Interrompo por breves instantes a fúria da guerra para melhor dar conta da natureza destes jagas, que muitos julgam ser designação de um povo, o que não é verdade, visto que os há falando línguas diversas e nascidos em diferentes reinos. Jagas são homens inclinados só para a guerra. Bravos, sim, como eram bravos os hunos e o seu rei Átila, o Flagelo de Deus, e como eles de igual forma brutos e cruéis, desprezando a vida, pois só o que os anima é pelejar. Ginga compreendeu que para guerrear os portugueses precisaria de ter ao seu lado o rei dos jagas, o poderoso Caza Cangola, e tão bem conduziu as negociações com este que o mesmo lhe enviou uns milhares de arqueiros para a ilha antes do assalto dos portugueses. Mandou-lhe também o filho pequeno de Ngola Mbandi, o que foi uma ruim lembrança. Dizem — destas coisas não há certezas — que mal o teve diante dos olhos a Ginga o matou, ou fez matar, arrancando-lhe o coração. O certo é que nunca mais ninguém o viu. Calaram-se os fidalgos e macotas que ainda defendiam a substituição da Rainha pelo pequeno Hoji. A partir desse dia a Ginga reinou, sem contestação por parte dos seus, até ao derradeiro suspiro (Agualusa, 2015, p. 29).

O realismo mágico e o simbolismo são ferramentas chave em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, que Agualusa (2015) emprega para elevar a estatura mítica de Ginga. Este uso enriquece o texto, adicionando uma camada de significado que transcende a realidade cotidiana e reforça a imagem de Ginga como uma entidade quase sobrenatural, amplificando sua virilidade e poder.

> Creio que o velho jaga se deixou encantar por aquela mulher que se batia de armas na mão, tão viril quanto o homem mais macho. Uma mulher que nunca se vergava; que não tinha amo nem Deus. Uma mulher que conhecia as artes da guerra, as suas armadilhas e danações, e que ao debater com os seus macotas pensava melhor do que o melhor estratego, pois, sabendo cogitar como um homem, possuía ainda a seu favor a subtil astúcia de Eva (Agualusa, 2015, p. 41).

As descrições minuciosas das batalhas e estratégias enfatizam ainda mais a presença imponente de Ginga. Estas cenas ilustram vividamente o poder e a virilidade em ação, solidificando a imagem de Ginga como uma líder dominante e poderosa.

> A Rainha aguardava o assalto dos portugueses, a uns quinhentos metros de onde eu me escondia. Estava sentada a sombra de um vasto chapéu de sol – de um vermelho vivo – e trazia sobre os ombros a capa púrpura que os flamengos lhe haviam oferecido. Ali, naquele breve instante, enquanto o sol recuperava o fôlego, parecia imune a tudo, inclusive ao próprio tempo (Agualusa, 2015, p. 102).

Os diálogos no romance não são apenas trocas verbais, mas sim campos de batalha onde a virilidade e o poder são constantemente negociados e afirmados.

Através destas interações, Agualusa destaca a habilidade de Ginga em navegar e dominar o complexo xadrez do poder.

Finalmente, a cuidadosa construção da ascensão ao poder de Ginga por Agualusa não apenas esboça o percurso de uma governante, mas também molda o conceito de virilidade. As vicissitudes e estratégias políticas que Ginga enfrenta e emprega demarcam sua virilidade diante de uma sociedade patriarcal, que ela busca romper, já que, segundo Bourdieu, as noções de masculinidade e feminilidade estão internalizadas no *habitus* social. Assim, a partir da personificação de atributos masculinos, a rainha passa a comandar e conquistar o poder.

Agualusa apresenta em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* uma narrativa que não só descreve a trajetória de uma figura histórica imponente, mas também redefine e explora os contornos da virilidade e do poder. Através de uma tessitura complexa de técnicas narrativas, o autor fornece um retrato da liderança e força, ressoando com leitores contemporâneos e refletindo sobre debates atuais de gênero e autoridade.

Assim, o romance de Agualusa se destaca por não buscar uma verdade singular sobre Ginga. Pelo contrário, a narrativa é construída através de episódios que oscilam entre diferentes perspectivas sem oferecer uma solução definitiva ou fechada, mas contribuem para uma história rica em camadas de interpretação. O verdadeiro fulcro da narrativa não é tanto a rainha Ginga em si, mas o narrador, que se posiciona como um leitor ávido das diversas fontes sobre a rainha, refletindo a dificuldade de consolidar uma imagem coerente e definitiva da personagem.

Em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, Agualusa (2015) não entrega uma personagem unidimensional, mas um símbolo em constante disputa e reconstrução discursiva, somando todas as visões e relatos para criar uma figura emblemática cuja identidade é um eterno campo de batalha narrativo.

4.2 A virilização da Rainha Ginga pelo narrador homem branco, padre e brasileiro: um ataque subversivo às normas de gênero

Na transição para uma análise mais profunda das dinâmicas de gênero apresentadas no romance, pode-se considerar como a virilização da rainha Ginga vai além da imitação superficial para se tornar um ato de subversão, conforme destacado pelas reflexões de Pierre Bourdieu em *A Dominação Masculina* (2014).

A personificação de atributos masculinos pela rainha Ginga não é simplesmente um travestimento; é uma forma astuta de navegação e contestação de um sistema marcado por estruturas patriarcais. Bourdieu enfatiza que, em contextos em que a dominação masculina é arraigada, as noções de masculinidade e feminilidade são profundamente internalizadas, tornando-se uma parte inquestionável do *habitus* social. Nesse sentido, a rainha Ginga pode ser vista não como alguém que assimila passivamente esses papéis, mas como alguém que os manipula para amplificar seu poder e autoridade.

> A dominação masculina encontra, assim, reunidas todas as condições de seu pleno exercício. A primazia universalmente concedida aos homens se afirma na objetividade de estruturas sociais e de atividades produtivas e reprodutivas, baseadas em uma divisão sexual do trabalho de produção e de reprodução biológica e social, que confere aos homens a melhor parte, bem como nos esquemas imanentes a todos os habitas: moldados por tais condições, portanto objetivamente concordes, eles funcionam como matrizes das percepções, dos pensamentos e das ações de todos os membros da sociedade, como transcendentais históricos que, sendo universalmente partilhados, impõem-se a cada agente como transcendentes. Por conseguinte, a representação androcêntrica da reprodução biológica e da reprodução social se vê investida da objetividade do senso comum, visto como senso prático, dóxico, sobre o sentido das práticas. E as próprias mulheres aplicam a toda a realidade e, particularmente, às relações de poder em que se vêem envolvidas esquemas de pensamento que são produto da incorporação dessas relações de poder e que se expressam nas oposições fondantes da ordem simbólica. Por conseguinte, seus atos de conhecimento são, exatamente por isso, atos de reconhecimento prático, de adesão dóxica, crença que não tem que se pensar e se afirmar como tal e que "faz", de certo modo, a violência simbólica que ela sofre (Bordieu, 2014, p. 45).

O texto acima apresenta a ideia de que a dominação masculina é profundamente enraizada e amplamente aceita em nossas sociedades. Bourdieu (2014) sugere que essa dominação é tão profundamente integrada em nossas estruturas sociais e culturais que é quase invisível. Os homens, historicamente, têm sido privilegiados, recebendo os melhores papéis e benefícios em muitas esferas da vida. Essa primazia masculina é reforçada por padrões de comportamento e crenças que todos, independentemente do gênero, tendem a seguir, muitas vezes, inconscientemente.

Esta visão androcêntrica, ou centrada no homem, tornou-se a norma aceita – algo que é tido como comum e não questionado. Surpreendentemente, mesmo as mulheres, que são as mais afetadas por essa dominação, frequentemente

internalizam e perpetuam essas crenças. Assim, quando as mulheres agem de acordo com esses padrões, estão implicitamente validando e reconhecendo uma perspectiva que, em muitos aspectos, marginaliza e subordina o feminino. Essa aceitação involuntária e, muitas vezes, inconsciente de uma ordem dominada pelos homens é o que Bourdieu (2014) chama de "violência simbólica". É uma forma de opressão que não é imediatamente óbvia ou tangível, mas que, no entanto, tem efeitos profundos sobre a forma como as mulheres veem a si mesmas e são vistas pela sociedade.

Ao adotar características tipicamente masculinas, a rainha Ginga estava desafiando e subvertendo estas noções interiorizadas, posicionando-se não apenas como uma líder feminina, mas como uma líder capaz de operar dentro e contra as estruturas patriarcais. A postura da rainha Ginga desafia a ordem do mundo masculino, um termo que Bourdieu (2014) usa para descrever as estruturas arraigadas e naturalizadas que perpetuam a dominação masculina.

Em vez de aderir e submeter-se a essa ordem, a rainha Ginga reivindica e reconfigura as características associadas à masculinidade para seu próprio benefício. Em vez de ser vítima da violência simbólica e aceitar um papel subordinado, ela utiliza as ferramentas do próprio patriarcado para afirmar sua autoridade e resistir à opressão. Ao fazer isso, ela não apenas contesta a dicotomia rígida entre masculino e feminino, mas também ilustra a mutabilidade e a construção das identidades de gênero.

Neste contexto, Bourdieu (2014) propõe que a dominação masculina é mantida através da perpetuação de estruturas simbólicas que são tanto aceitas quanto reproduzidas pelas mulheres. Entretanto, a trajetória de Ginga serve como uma poderosa contraposição a essa dinâmica. Ao assumir comportamentos e posturas associados ao masculino, ela desafia as expectativas convencionais e, de certa forma, inverte a "violência simbólica" para sua vantagem. Em vez de ser moldada pelas normas patriarcais, ela as remodela, demonstrando a capacidade do gênero feminino de exercer poder e autoridade em terrenos tradicionalmente dominados por homens. Em última análise, a virilização da rainha Ginga pode ser interpretada como uma estratégia subversiva e adaptativa para conduzir e confrontar um mundo definido pela dominação masculina, conforme descrito por Bourdieu.

A rainha Ginga, uma das figuras mais emblemáticas da história africana, reinou em uma era repleta de conflitos e desafios. Seu domínio, quando observado através das lentes das teorias de Michel Foucault sobre poder e resistência, revela nuances

profundas sobre as dinâmicas do poder em sua época. Foucault (1979) argumentou que onde há poder, há resistência, e isso é evidente no reinado de Ginga. Enfrentando resistências internas e externas, especialmente em sua luta contra as forças coloniais portuguesas e na unificação das tribos, Ginga demonstrou que a resistência pode ser um obstáculo, mas também uma ferramenta para a solidificação do poder.

Além disso, as estratégias empregadas pela Rainha refletem o entendimento de Foucault (1979) sobre a natureza intrincadamente estratégica do poder. Sejam através de alianças matrimoniais, mobilizações militares ou negociações políticas, Ginga usou táticas que revelam um entendimento profundo das nuances e interações do poder. Esta estratégia não apenas ajudou-a a manter sua autoridade, mas também desafiou as normativas de seu tempo, subvertendo as expectativas e reimaginando o mundo ao seu redor.

O legado da rainha Ginga, quando interpretado à luz das ideias de Foucault, destaca a complexidade das relações de poder em sua era. A intersecção de resistência, estratégia e guerra durante seu reinado é um testemunho da natureza fluida e multifacetada do poder, e da capacidade de um líder de navegá-lo de forma astuta e eficaz.

A representação da mulher como figura empoderada na literatura é um tema que tem ganhado destaque nas narrativas contemporâneas. Nesta seção, concentra-se atenção no romance de Agualusa (2015) e sua abordagem da mulher como um agente ativo e empoderado na trama.

Nesse sentido, destaca-se que, a literatura, em particular, tem o poder de moldar e refletir as percepções culturais das mulheres em suas sociedades. Uma análise da obra de Agualusa, um dos romancistas mais renomados de Angola, oferece uma perspectiva intrigante sobre como as mulheres são representadas em um contexto pós-colonial, destacando, em particular, a figura da rainha Ginga.

O romance de Agualusa oferece um terreno fértil para a análise da representação feminina, considerando a forma como a rainha Ginga é dotada de complexidade e determinação, através da análise desta personagem é possível examinar as escolhas literárias do autor, incluindo diálogos, ações e motivações, que contribuem para a construção de figuras femininas empoderadas e multifacetadas.

Ressalta-se que, no jogo de poder e representação, o vestuário frequentemente serve como um símbolo visual e tangível de status, identidade e autonomia. Em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de Agualusa (2015), esta

ideia é ilustrada de forma vívida quando o governador português, em uma tentativa de impor a sua visão e, possivelmente, sua superioridade cultural, decide presentear Nzinga, a embaixadora do rei do Dongo, com trajes finos europeus. No entanto, a reação de dela ao presente é um testemunho poderoso de seu empoderamento e determinação em manter sua identidade e autonomia frente às tentativas coloniais de assimilação e dominação. A passagem a seguir descreve a tensão inerente a este ato e a resoluta resposta de Nzinga:

> O governador teve a ideia, a seu ver generosa, de mandar comprar esplêndidos lotes de veludos e sedas e musselinas, entregando-os ao melhor alfaiate de Luanda para que deles cortasse anáguas, saias e corpetes com que vestir a embaixadora do rei do Dongo. O alfaiate e os seus escravos trabalharam noite e dia, sem descanso, a semana inteira, de forma a cumprir tão importante encomenda. Quando, na data aprazada, lhe foram entregar os trajes, a Ginga teve um ataque de fúria. Já antes eu a vira entregar-se a demonstrações de ira, mas nunca com tal ímpeto. **Rasgou com as mãos e com os dentes os finos tecidos, enquanto gritava que dissessem ao governador não ter ela falta do que vestir. Dizei-lhe, insistia, que irei trajada segundo as minhas próprias leis, inteligência e entendimento**.
> Assim, nesse mesmo dia, por volta das seis da tarde, surgiu no Palácio do Governador vestida, como era seu hábito, com uma bela capa escarlate sobre os ombros magros e um finíssimo pano de musselina, com flores pintadas, elegantemente preso à cintura por uma cinta de camurça, cravejada esta de diamantes e outras pedras raras (Agualusa, 2015, p. 18). Grifo nosso.

Ainda, nas narrativas históricas e literárias, tanto coloniais quanto pós-coloniais, frequentemente é mencionado um episódio envolvendo Ginga e uma escrava de sua corte. Durante uma reunião de negociação de paz com o governador português João Correia de Sousa, Ginga se recusou a sentar-se em uma almofada, em uma posição inferior à do governador. Ao invés disso, ordenou que uma de suas acompanhantes se ajoelhasse para que ela pudesse sentar-se sobre ela, garantindo assim uma posição simbolicamente igual à do governador:

> **O governador recebeu-a sentado num cadeirão alto, quase um trono, tendo ao seu lado as autoridades militares. Para a Ginga reservara uma almofada, debruada a ouro, sobre uma sedosa alcatifa. Não o fizera por malícia ou má-fé, antes para agradar à embaixadora, pois os seus conselheiros lhe haviam assegurado que os potentados gentios não apreciam cadeiras, preferindo sentar-se no chão raso. A Ginga não o entendeu assim. Deu ordens a uma das suas escravas, uma jovem mulher de graciosa figura, chamada Henda, para que se ajoelhasse na alcatifa e, para grande assombro de todos os presentes, sentou-se sobre o dorso da infeliz. Aquele extraordinário gesto marcou o tom do encontro,**

> **ou da maca, no dizer dos ambundos. Ainda que o governador João Correia de Sousa falasse a partir de cima, era como se o fizesse a partir de baixo, tal a soberba e a clareza de ideias da Ginga** (Agualusa, 2015, p. 18-19). Grifo nosso.

Os trechos mencionados são muito importantes para reforçar a ideia de empoderamento feminino. Eles mostram claramente como a rainha Ginga, a personagem principal, expressa sua independência, autoconfiança e determinação, desafiando as regras e as expectativas da sociedade da época.

Nesse sentido, a escolha de roupas reforça a sua autonomia; a atitude da rainha Ginga ao recusar os trajes elaborados encomendados pelo governador mostra sua independência e poder de decisão. Ao rasgar os tecidos e dizer que vai vestir-se de acordo com suas próprias "regras, inteligência e entendimento", ela está se recusando a seguir as normas que os outros querem impor a ela e está reivindicando o direito de escolher como se vestir.

Ginga desafia a autoridade dos homens, quando a rainha Ginga faz com que sua escrava, Henda, ajoelhe-se enquanto ela se senta sobre uma almofada de ouro, isso desafia a maneira tradicional como homens e mulheres são vistos. Ela está mudando as expectativas e colocando-se em uma posição de poder, mostrando coragem e a vontade de questionar o jeito que as coisas são feitas. Para além da questão de gênero, esta atuação de Ginga reforça a força do seu povo e que não estavam submissos aos portugueses.

O empoderamento é mais uma vez reforçado diante da firmeza e clareza de ideias, a maneira como a rainha Ginga responde às autoridades que estão presentes na cena mostra que ela tem certeza do que quer e do que pensa. Mesmo que o governador esteja falando de cima para baixo, ela responde com convicção. Isso demonstra que ela consegue se expressar de maneira confiante, reforçando sua posição de poder.

Quando a rainha Ginga entra no Palácio do Governador com um traje único e se senta sobre uma escrava, ela não está apenas desafiando as regras de vestimenta, mas também mostrando que tem controle sobre a situação. Sua presença demonstra que ela tem influência e sabe mudar o equilíbrio de poder, mesmo em um ambiente que normalmente é dominado por homens.

Esse trecho traz uma discussão atual sobre o empoderamento das mulheres e como elas lutam para ter controle sobre seus corpos, escolhas e posições na sociedade. Ele mostra que figuras históricas, como a rainha Ginga, podem ser

inspiração para as mulheres de hoje que também querem desafiar regras antigas e criar um espaço próprio na sociedade.

Pereira (2019) aponta que o romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* de Agualusa delineia uma personagem feminina que, de maneira explícita, combate os estereótipos tradicionais da mulher angolana. Esta protagonista não só tem um papel ativo nas tramas, mas também tem a representação da força, da astúcia e da resistência feminina, tanto no contexto histórico quanto no atual. Para a autora, a rainha Ginga, no romance de Agualusa, é uma figura de poder, astúcia e resistência. Ela é uma líder que desafia as normas patriarcais da sociedade angolana, destacando-se não apenas como uma monarca, mas também como uma estrategista e diplomata.

A forma como Ginga é retratada por Agualusa (2015) aponta para um esforço consciente do autor em desafiar a narrativa convencional da mulher africana, frequentemente vista como submissa e passiva. Neste contexto, Ginga é uma figura empoderada, que busca afirmar sua identidade e autoridade em um mundo dominado pelos homens. Dentro do panorama geral da literatura angolana, a abordagem de Agualusa é especialmente relevante. O fato dele optar por representar Ginga como uma mulher forte e empoderada não apenas reflete um desejo de reescrever a história, mas também evidencia o potencial da literatura em desafiar e redefinir normas culturais e sociais.

Para Pereira (2019), a obra de Agualusa é um gesto literário que, indiretamente, pode ser visto como alinhado aos princípios do feminismo africano, mesmo que o autor não se identifique explicitamente como feminista. Ao considerar os discursos feministas, tanto ocidentais quanto africanos, é impossível ignorar a contribuição valiosa de personagens como Ginga na redefinição do papel da mulher na sociedade angolana. Seja através de sua representação em romances históricos, como *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, ou por meio de discussões acadêmicas, é claro que as mulheres angolanas, assim como muitas de suas contrapartes africanas, estão buscando e encontrando, o seu próprio espaço dentro do panorama cultural e social mais amplo.

Maia (2019) aponta que Agualusa retrata a rainha Ginga como uma figura de resistência e poder. Em um mundo dominado pela perspectiva colonial, onde as mulheres são frequentemente relegadas a papéis secundários ou subalternos, Ginga emerge como uma força a ser reconhecida. Sua habilidade de desafiar os papéis

tradicionais de gênero e se estabelecer como líder, estrategista e guerreira demonstra uma redefinição de feminilidade que contraria as noções coloniais.

Assim, para Maia (2019), no contexto pós-colonial de Angola, a narrativa de Agualusa sobre Ginga se torna ainda mais relevante. As tentativas coloniais de diminuir ou masculinizar a rainha, ao atribuir-lhe características e comportamentos tradicionalmente masculinos, não apenas refletem as ameaças percebidas ao poder masculino, mas também são tentativas de reprimir o poder feminino. No entanto, através da perspectiva de Agualusa, há uma clara tentativa de descolonizar essa narrativa, colocando Nzinga no centro e reafirmando seu poder.

A figura da rainha Ginga, como apresentada em *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* de Agualusa, é uma emanação de poder, vigor e determinação. Quando se explora sua virilidade e empoderamento, a força vital que a define, é inevitável pensar nas noções de literatura e imagem que Ezra Pound (1997) discute em *ABC da Literatura*.

Nesse sentido, Pound (1997) valoriza a capacidade de um texto literário de evocar uma "imagem", uma ideia complexa apresentada de forma instantânea ao intelecto. O retrato da rainha Ginga, com sua capacidade inabalável de liderança e adaptação, forma uma "imagem" no sentido poundiano: uma figura poderosa que se destaca na mente do leitor com uma clareza inconfundível.

Pound (1997) também abordou a respeito da necessidade de precisão e clareza na escrita. Essa "exatidão" pode ser vista na maneira como Agualusa aborda a vida da rainha Ginga, capturando sua essência sem se perder em ornamentos desnecessários. A história de Ginga, com suas diversas camadas de resistência, diplomacia e reinvenção, é contada com uma nitidez que reflete a visão poundiana da literatura como veículo para uma comunicação clara e impactante.

No romance de Agualusa (2015), mostra que a representação da rainha Ginga é mais do que apenas um retrato de uma líder histórica. Ela simboliza a resistência contra opressões múltiplas - tanto de gênero quanto coloniais. Através de sua narrativa, o autor não apenas reconhece o empoderamento feminino, mas também desafia os leitores a reexaminarem e redefinirem suas próprias percepções sobre feminilidade e poder em um contexto pós-colonial.

Ao olhar-se para a literatura contemporânea angolana, é possível ver que os escritores estão cada vez mais conscientes do papel crucial que as mulheres desempenham na formação da identidade nacional. É também por meio de

personagens como Ginga, que os leitores são convidados a reavaliarem e repensarem suas próprias percepções e crenças sobre gênero, poder e sociedade.

Como visto, no romance de Agualusa (2015), a representação da rainha Ginga transcende a simples figura histórica, simbolizando a resistência contra diversas formas de opressão, tanto de gênero quanto coloniais.

Pela narrativa, o autor não só valoriza o empoderamento feminino, mas também convida os leitores a questionar e reformular suas visões sobre feminilidade e poder em um contexto pós-colonial. Observando a literatura contemporânea angolana, percebe-se um crescente reconhecimento do papel fundamental das mulheres na definição da identidade nacional, com personagens como Ginga motivando uma reflexão profunda sobre gênero, poder e sociedade.

Contudo, ao adentrar mais profundamente na narrativa de *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, uma crítica surge quanto à escolha de Agualusa de um narrador homem branco, padre e brasileiro para contar a história de uma das mais emblemáticas líderes femininas africanas.

Essa decisão narrativa gera um contraste intrigante, especialmente quando comparada com abordagens literárias que priorizam a voz feminina autêntica em contextos históricos e culturais semelhantes. Maria Firmina dos Reis, por exemplo, em *Úrsula*, proporciona uma perspectiva literária na qual a narrativa central gira em torno da experiência feminina, oferecendo um contraponto significativo à escolha de Agualusa.

Este contraponto sugere uma reflexão sobre a dinâmica de poder nas narrativas históricas, questionando quem tem o direito de contar essas histórias. A escolha de Agualusa por um intermediário masculino para a voz de Ginga pode ser interpretada como um reflexo das complexas camadas de dominação que ainda permeiam a escrita da história e a literatura. Ao mesmo tempo, essa escolha abre espaço para questionar e analisar as implicações de tal mediação na autenticidade da representação de figuras femininas poderosas na história africana.

Nesse sentido, por meio desta lente crítica, o diálogo entre a narrativa de Agualusa e a abordagem de Maria Firmina dos Reis torna-se um campo fértil para a discussão sobre a importância da representação direta das vozes femininas na literatura. Este debate se insere em um contexto mais amplo a respeito de quem tem a autoridade de narrar histórias que atravessam fronteiras de gênero, raça e

colonialismo, desafiando os leitores a reconsiderarem as estruturas de poder subjacentes às histórias que são contadas e àqueles que as contam.

Assim, a obra de Agualusa, embora rica em discussões sobre resistência e empoderamento, também convoca um olhar crítico sobre a narrativa e sua construção, instigando um diálogo contínuo sobre representação, autenticidade e poder na literatura pós-colonial. Este diálogo não apenas enriquece a compreensão da obra, além disso reafirma a literatura como um espaço de debate vital acerca da identidade, memória e resistência.

Além de Maria Firmina dos Reis, outras vozes femininas marcantes na literatura, como Noêmia de Sousa e Iolanda Morazzo, trazem perspectivas essenciais sobre a representatividade feminina e o colonialismo. Noêmia de Sousa, frequentemente chamada de "mãe dos poetas moçambicanos", com sua poesia carregada de protesto e resistência, aborda sobre a experiência das mulheres africanas sob o jugo do colonialismo. Suas obras desafiam diretamente a marginalização das vozes femininas, insistindo na importância de sua participação ativa na luta pela libertação e na reconstrução da identidade nacional (Sant'Anna, 2009).

Yolanda Morazzo, por sua vez, oferece uma perspectiva singular através de sua poesia, escrita inclusive em Angola, mas da geração das mulheres que escreviam, mas não publicavam. Ela explora a experiência feminina, entrelaçando questões de gênero, identidade e resistência cultural. Suas obras servem como um contraponto valioso ao diálogo sobre poder e representação feminina, demonstrando como as mulheres angolanas não apenas vivenciaram, como também resistiram ativamente às dinâmicas de poder opressoras, tanto no contexto colonial quanto no pós-independência (Anjos, 2006).

A inserção dessas autoras no debate reforça a necessidade de uma abordagem crítica e inclusiva na literatura que honre a complexidade e a multiplicidade das experiências femininas. Através de suas obras, entende-se que a literatura não é apenas um reflexo da realidade, mas também uma ferramenta poderosa de resistência e reimaginação do mundo, capaz de desafiar estruturas de poder e abrir caminhos para novas formas de pensar e ser.

Além disso, ao entrelaçar as vozes e as perspectivas literárias de autoras influentes como Oyèronké Oyèwúmi, Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa, Nah Dove, Chimamanda Ngozi Adichie, e Lélia Gonzalez, outras autoras já analisadas ao longo

desta dissertação, nota-se que, cada uma com sua singularidade, desvelam camadas complexas de resistência, resiliência e reconstrução identitária, oferecendo perspectivas enriquecedoras que transcendem as fronteiras convencionais do feminismo ocidental. Nesse sentido, a narrativa de Agualusa, embora intrinsecamente conectada ao contexto africano e à figura histórica de poder feminino, Ginga, encontra-se em um diálogo tanto complementar quanto contrastante com as abordagens dessas autoras.

Oyèwúmi e Sotunsa, com suas análises sobre as dinâmicas de gênero pré-coloniais na África, apresentam uma visão que desafia diretamente a linearidade e a simplificação das narrativas ocidentais sobre gênero. Enquanto Agualusa retrata Ginga navegando e subvertendo essas dinâmicas dentro de um contexto histórico marcado pelo colonialismo, Oyèwúmi e Sotunsa convidam o leitor a reconsiderar completamente a sua compreensão das estruturas de gênero, apontando para a existência de sistemas sociais em que o poder e a agência feminina não são anomalias, mas partes integrantes.

A abordagem de Nah Dove reafirma a narrativa de Agualusa sobre Ginga, destacando a importância de um feminismo que seja autenticamente representativo da diversidade e complexidade das experiências africanas. Dove ressalta a necessidade de uma luta feminista que abrace plenamente as tradições, as culturas e os contextos sociais africanos, um eco da maneira como Ginga manipula as convenções de seu tempo para afirmar seu poder.

Chimamanda Ngozi Adichie, com sua crítica ao feminismo ocidental e seu apelo por uma pluralidade de vozes femininas, ressoa com a complexidade da representação de Ginga por Agualusa. A eloquência de Adichie e sua insistência na multiplicidade da experiência feminina encontram paralelo na narrativa de *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, que, por intermédio da lente de Agualusa, oferece uma visão multifacetada da liderança feminina em face às adversidades.

Por fim, Lélia Gonzalez, ao enfatizar as interseções entre raça, gênero e classe, contribui para uma compreensão mais profunda do embate crítico presente na obra de Agualusa. A análise de Gonzalez sobre a condição afro-latino-americana complementa e amplia as nuances da representação de Ginga, iluminando os desafios adicionais enfrentados pelas mulheres negras na resistência contra as estruturas opressivas.

Assim, a rainha Ginga de Agualusa, embora celebre a agência e o poder femininos mediante à figura histórica de Ginga, também enfrenta críticas pelo uso de um narrador homem branco, padre e brasileiro, colocando em destaque as questões de autoria, voz e perspectiva na representação literária. Ademais, o contraste entre a escolha narrativa de Agualusa e as abordagens centradas na autenticidade e na autorrepresentação, como as empregadas por Maria Firmina dos Reis, Noêmia de Sousa e Iolanda Morazzo, suscita reflexões profundas sobre as dinâmicas de poder subjacentes à narrativa histórica e literária. Essas autoras, cada uma à sua maneira, reivindicam espaços para as vozes femininas africanas e afrodescendentes, muitas vezes marginalizadas ou silenciadas pelas estruturas dominantes da narrativa colonial e pós-colonial.

A inclusão dessas vozes alternativas desafia a homogeneidade das representações literárias e destaca a importância de uma diversidade narrativa que honre as complexidades das experiências e identidades femininas. Enquanto Agualusa oferece uma visão valiosa da resistência feminina no contexto da colonização, a mediação da história de Ginga por um narrador que personifica múltiplas camadas de dominação colonial e patriarcal introduz um dilema crítico que não pode ser ignorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo propôs-se a explorar as relações entre literatura, virilidade e poder, com especial atenção à temática da virilização do feminino no romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa. Investigamos o papel da ficção literária na compreensão e na reinterpretação histórica, ressaltando a capacidade da literatura de reimaginar mulheres influentes, sobretudo em contextos de poder.

A rainha Ginga, ou Njinga Mbandi, se apresenta como uma figura emblemática na da história e do mito. A história mostra como ela era boa em juntar grupos diferentes e lutar contra o domínio dos portugueses, manejando tanto a diplomacia, quanto o conflito armado para preservar a autonomia de seu povo. Njinga subverteu as normas de gênero vigentes, adotando posturas e indumentárias masculinas para concretizar sua autoridade e resistência.

O romance de Agualusa amplifica essa perspectiva, mesclando acontecimentos reais e elementos ficcionais. Ele pinta a rainha Ginga como uma estrategista perspicaz e uma líder resiliente que comandou seu povo com tenacidade e sagacidade. Sob o olhar do autor, Ginga é humanizada, representada como uma mulher que enfrentou a complexidade dos embates políticos e sociais, muitas vezes, borrando as linhas do masculino e feminino.

Reconhecer a rainha Ginga como um ícone do empoderamento feminino revela o quanto sua herança é pertinente até os dias atuais. Tanto sua figura histórica quanto sua representação literária proporcionam uma perspectiva valiosa sobre gênero e poder, a luta contra a opressão e a liderança feminina em esferas majoritariamente masculinas. Ginga destaca-se não só como protagonista na oposição ao colonialismo, mas também como um símbolo de empoderamento feminino, desafiando os moldes tradicionais de gênero.

Analisar a rainha Ginga por meio de lentes pós-coloniais nos oferece um quadro mais diversificado de sua liderança e legado. Ela ressurge não somente como uma potência em meio à resistência africana contra a colonização, mas ainda como uma representação da fluidez de gênero, questionando as normas e as expectativas, tanto de sua própria época quanto das interpretações históricas posteriores.

A compreensão integrada obtida neste estudo, desafia narrativas unidimensionais e sublinha a necessidade de abordagens holísticas e dinâmicas na

reconstrução de histórias coloniais e pós-coloniais. Contemporaneamente, a apropriação de sua imagem por movimentos culturais e feministas destaca sua importância histórica, bem como sua ressonância constante como um emblema de força e resistência.

Em um momento em que discussões sobre gênero e poder ganham proeminência, a história de Njinga torna-se um terreno fértil para debates, evidenciando como as narrativas do passado podem iluminar e impactar as atuais lutas por representatividade e igualdade. Dessa forma, Ginga transcende sua existência histórica, influenciando ativamente a forma como compreendemos história, poder e identidade.

Ademais, a análise das perspectivas africanas sobre feminismo e poder, em especial, no trabalho de Agualusa, revelou um panorama enriquecedor. Adotando as críticas de Oyèwúmi (2000) e Sotunsa (2009) emergem visões profundas sobre o feminismo africano e a vitalidade da experiência feminina no continente.

Constatou-se como as estruturas sociais africanas pré-coloniais contestam noções convencionais de gênero e família, e como a rainha Ginga encarna a flexibilidade dessas normas. Através do conceito de mulherismo, definido por pensadoras como Alice Walker e Nah Dove, ressalta-se a importância de reconhecer as complexidades das opressões sofridas por mulheres negras, além dos paradigmas do feminismo convencional.

Nesse aspecto, na narrativa de Agualusa, Ginga transcende sua figura histórica e torna-se uma manifestação das perspectivas feministas africanas. Ela desafia o patriarcado e o colonialismo, assim como a noção de um feminismo homogêneo e importado. Ginga simboliza a resiliência e a autonomia das mulheres africanas, honrando suas identidades culturais e sociais distintas.

Ao contemplar a rainha Ginga por meio das teorias feministas africanas, o texto de Agualusa contribui para redefinir o feminismo sob uma ótica africana, contribuindo para o diálogo feminista global, com uma pluralidade de vozes e vivências. A rainha Ginga, assim, não é só uma entidade do passado, mas um ícone contemporâneo da luta feminina africana por autonomia e reconhecimento dentro de um contexto cultural rico e complexo.

Ao explorar a virilização de Ginga no romance de Agualusa pode-se observar que não é mera imitação de atributos masculinos, mas uma subversão astuta das normas de gênero arraigadas. As reflexões de Pierre Bourdieu sobre a dominação

masculina ajudaram a perceber que Ginga manipula um sistema patriarcal ao invés de simplesmente se conformar a ele. De modo que, reivindicar características masculinas é uma estratégia para potencializar seu poder e autoridade, desafiando as dicotomias de gênero e revelando a construção social das identidades de gênero.

Além disso, aplicando as ideias de Michel Foucault sobre poder e resistência, ao domínio de Ginga, observa-se sua habilidade em superar resistências, empregando táticas estratégicas para consolidar seu poder. A rainha Ginga exemplifica como a resistência pode ser eficaz na solidificação do poder e na redefinição de estruturas sociais.

Assim, ao analisar a representação de Ginga na literatura, foi possível reconhecer a força da ficção em moldar e refletir percepções culturais. O romance de Agualusa apresenta uma rainha Ginga complexa e determinada, sublinhando o papel crucial das escolhas literárias na construção de personagens femininas poderosas. A análise convida a uma reflexão acerca de como a literatura pode desafiar e ampliar as representações tradicionais, celebrando a força e a agência femininas em contextos históricos e culturais variados. A rainha Ginga, como personagem literária, inspira a reimaginação dos papéis femininos na sociedade.

A representação da rainha Ginga no romance *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* surge como um paradigma incontestável de empoderamento feminino e de resistência face às estruturas opressivas de gênero e ao jugo colonial. Tal representação é habilmente entrelaçada com a figura histórica, em que Ginga exibe uma insurgência contra os papéis de gênero impostos, recusando-se a adotar as vestes que o governador prescrevia e negando-se a ser subjugada em negociações com as autoridades coloniais. Sua reivindicação da própria identidade, autonomia e posição de liderança é articulada com uma firmeza inabalável e uma lucidez revolucionária.

Nessa perspectiva, os estudos de Pereira (2019) e Maia (2019), citados nesta dissertação, sublinharam a gravidade dessa representação, notabilizando como ela desmantela e reconstrói o papel da mulher na sociedade angolana, desafiando persistentes estereótipos de gênero. Rainha Ginga é erigida não apenas como uma figura de poder feminino, mas também como uma estrategista de primeira linha, que confronta as opressões de gênero e coloniais com a mesma medida de tenacidade.

Inserindo-se no diálogo sobre representação, a menção ao conceito de "imagem" de Ezra Pound (1997) realça a capacidade da literatura de imprimir na

mente dos leitores a imagem indelével de uma rainha Ginga enérgica e resoluta, uma líder que desafia as convenções e inspira mudança.

No mosaico da literatura contemporânea angolana, rainha Ginga ergue-se como um farol de resistência e de força feminina, compelindo o público a revisitar e repensar as suas percepções e crenças acerca de gênero, poder e sociedade. Agualusa, por intermédio de sua obra, confronta normativas culturais e sociais, incitando debates sobre a importância do empoderamento feminino na forja da identidade nacional.

A discussão sobre gênero e empoderamento na literatura transcende a esfera de um mero reflexo social para agir como um agente transformador. Ao longo dos tempos, a representação literária da mulher tem sofrido uma metamorfose, refletindo as transições sociais e culturais – de figuras dóceis e submissas nas tragédias gregas a protagonistas complexas e autônomas na literatura contemporânea, sempre a desafiar as convenções patriarcais e de gênero.

A literatura contemporânea, em sua celebração da multiplicidade feminina, acolhe a interseccionalidade, reconhecendo a sobreposição das questões de gênero, raça, classe e orientação sexual. Autoras de ascendência africana, como Carolina Maria de Jesus, Maria Firmina dos Reis, Djamila Ribeiro e Bianca Santana iluminam as vivências únicas das mulheres negras e alargam o debate sobre a equidade e o empoderamento.

Essa viagem pela literatura sobre gênero e empoderamento é um contínuo de descobertas e revelações. Recorda-se que a literatura transcende a função lúdica e se erige como um instrumento poderoso de questionamento e redefinição de normas sociais e culturais atreladas ao gênero. É imperativo valorizar a diversidade de vozes e experiências, especialmente, as que têm sido marginalizadas historicamente.

Vozes como as de Oyèronké Oyèwmi, Mobolanle Ebunoluwa Sotunsa, Nah Dove, Chimamanda Ngozi Adichie e Lélia Gonzalez foram fundamentais na ampliação das narrativas sobre feminismo e empoderamento, confrontando visões eurocêntricas e patriarcais, e advogando por uma inclusão que respeite a composição de raça, classe e gênero.

Essa interrogação literária estende-se também aos mecanismos de poder que determinam quais histórias são elevadas e sancionadas. A indústria editorial, os círculos acadêmicos e os domínios culturais desempenham um papel crítico em dar

destaque às vozes marginalizadas e em desafiar as estruturas que perpetuam desigualdades.

A obra *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo*, de José Eduardo Agualusa, é apresentada como uma mestria na exploração da virilidade e do poder, ancorada em um contexto angolano repleto de riquezas das tradições orais e de histórias reimaginadas. Agualusa, com sua narrativa diversificada, constrói uma imagem complexa de Ginga, a desafiadora das convenções de liderança feminina e das normativas de virilidade. A subversão de papéis de gênero, a habilidade diplomática de Ginga, a fusão entre força e astúcia, assim como a introdução de realismo mágico e simbolismo, tecem uma representação densa e policromática desta figura histórica dominante.

Através de diálogos incisivos e descrições vivas de conflitos e manobras políticas, Agualusa desenha a destreza de Ginga no jogo complexo do poder, esboçando sua ascensão como uma redefinição dos parâmetros de virilidade e autoridade. A narrativa não se limita a uma única verdade sobre Ginga, mas abre caminho para múltiplas camadas de interpretação, refletindo a contínua disputa e reconstrução de sua identidade.

Ao analisar a representação literária da rainha Ginga, foi possível destacar o modo como a narrativa do autor vai instituindo uma reinterpretação dos eventos históricos, bem como remodela determinados sentidos que ajudam a construir uma memória coletiva. O autor solidifica Ginga não apenas como ícone literário na literatura angolana, mas também no espectro literário mundial.

Ao aprofundar na análise estética da narrativa de Agualusa, revelando como ele manipula o enredo para contestar e reconfigurar a memória coletiva, a rainha Ginga emerge como um estandarte de resistência e influência, questionando as normativas de gênero e poder. Agualusa entretece ficção e realidade, esculpindo uma personagem multifacetada cujas escolhas refletem uma luta amplificada pela sobrevivência e autodeterminação de um povo.

Verifica-se também a relação entre o narrador-personagem Francisco e Ginga, enfatizando como essa dinâmica ressalta a possibilidade de entendimento intercultural em meio a adversidades. A obra é construída como uma conexão entre tempos, elucidando como os relatos de outrora moldam nossa percepção atual sobre identidade, poder e resistência.

Em essência, a rainha Ginga, nas mãos de Agualusa, ultrapassa seu contexto histórico, tornando-se um símbolo eterno de luta pela dignidade e liberdade. A recriação literária nos convida a ponderar sobre o poder da narrativa em transformar e em redefinir nossa visão do passado e do presente.

Esta dissertação, portanto, mostra que *A Rainha Ginga - e de como os africanos inventaram o mundo* de Agualusa não é somente uma reverência ao passado, mas um desafio à narrativa histórica prevalecente, incitando uma renovada compreensão do papel das mulheres no espectro do poder. Entrelaçando história, literatura e memória, a obra não só enriquece a literatura angolana contemporânea, mas também fornece valiosas contribuições para o estudo global de gênero, empoderamento e afrocentrismo.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Meio Sol Amarelo**. Alfradige: ASA, 2006.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos Todos Feministas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

AGUALUSA, José Eduardo. **A Rainha Ginga** – E de como os africanos inventaram o mundo. Ed.Rio de Janeiro: Foz, 2015.

ANJOS, José Carlos Gomes dos. **Intelectuais, literatura e poder em Cabo Verde:** lutas de definição da identidade nacional. Porto Alegre: EDUFRGS, 2006.

APPOLINÁRIO, Fabio. **Dicionário de metodologia científica:** um guia para a produção do conhecimento científico. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

ATWOOD, Margaret. **O Conto da Aia** (1985). Tradução de Ana Deiró. Rio de Janeiro: Rocco, 2017.

ATWOOD, Margaret. **Vulgo Grace** (1996). Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2017.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo** (1949). Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira,1980.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina** – A condição feminina e a violência simbólica. Trad. de Maria Helena Kuhner.1 ed. Rio de Janeiro: BestBolso, 2014.

BRONTË, Charlotte. **Jane Eyre**. (1847). Tradução de Valdemar Rodrigues de Oliveira. Belo Horizonte: Itatiaia, 2008.

CADORNEGA, António de Oliveira de. **História Geral das Guerras Angolanas**. Lisboa: Agência-geral do Ultramar, 1972. 3 vols.

CALVINO, Ítalo. **Seis propostas para o próximo milênio** – lições americanas. Tradução: Ivo Barroso. 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras,1995.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8 ed. São Paulo: T.A. Queiroz Editor, 2000.

CISNE, Mirla. Direitos humanos e violência contra as mulheres: uma luta contra a sociedade patriarcal-racista-capitalista. **Serviço Social em Revista**, v. 18, n. 1, p. 138-154, 2015. Disponível em: https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/ssrevista/article/view/23588. Acesso em: 10 jul. 2023.

COLLINS, Patricia Hills. **Black Feminist Thought: Knowledge, Consciousness and the Politics of Empowerment**. New York: Routledge, 1991.

DOVE, Nah. Mulherisma Africana: uma Teoria Afrocêntrica. *In:* **Jornal De Estudos Negros**, vol. 28, n. 5, maio de 1998, p. 515-539.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FRANCESCHINI, Marcele Aires. Uma mulher que nunca vergava; que não tinha amo nem Deus: a Rainha Jinga e a reescrita de uma narrativa mítica. **Matraga**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 45, p. 546-565, set./dez. 2018.

GAY, Roxane. **Má feminista:** ensaios provocativos de uma atividade desastrosa. Tradução de Tássia Carvalho. São Paulo: Novo Século, 2016.

HEYWOOD, Linda M. **Jinga de Angola:** A Rainha guerreira da África. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Todavia, 2019.

HOLOVKO, Cândida S.; CORTEZZI, Cristina M. **Sexualidades e gênero:** Desafios da Psicanálise. São Paulo: Editora Blucher, 2017.

HOOKS, bell. 'Black Feminism: Historical Perspective' in **Call and Response: The Riverside Anthology of African American Literary Tradition**. Liggings Hills *et al.* (eds). Boston: Hughton Miffling Company, 1998.

HUDSON-WEEMS, Clenora. **Africana Womanist: Reclaiming Ourselves**, 2nd rev. ed. Troy: Bedford: 1994.

HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**: história, teoria, ficção; tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Editora Imago. 1991.

INSTITUTO LATINO AMERICANO DE ESTUDO AVANÇADOS. Biografias de Mulheres Africanas. **Oyèrónkẹ́ Oyèwùmí (1957)**. UFRGS, 2021. Disponível em: https://www.ufrgs.br/africanas/oyeronke-oyewumi-1957/. Acesso em: 20 out. 2023.

IZQUIERDO, María Jesús. **El malestar em la desigualdade**. Madrid: Ediciones Cátedra, 1998.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo** – diário de uma favelada. São Paulo: Francisco Alves, 1960.

KWONONOKA, Américo. Autoridade tradicional e as questões da etnicidade em Angola. Direito e sociedade. Volume I de "Luanda e justiça: pluralismo jurídico numa sociedade em transformação". *In:* **Sociedade e Estado em construção: desafios do direito e da democracia em Angola.** Coimbra: Edições Almedina, 2012.

LAHIRI, Jhumpa. **Intérprete de Males** (1999). Tradução de Paulo Henriques Britto. 1 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

LEITE, Ana Mafalda. **Oralidades & escritas nas literaturas africanas**. Lisboa: Edições Colibri, 1998.

LITERAFRO. **Lélia Gonzales:** Dados Biográficos. 2023. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/ensaistas/1204-lelia-gonzalez. Acesso em: 30 out. 2023.

LOZADA, Gisele. NUNES, Karina da Silva. **Metodologia científica.** Revisão técnica: Ane Lise Pereira da Costa Dalcul. Porto Alegre: SAGAH, 2018.

LUGARINHO, Mário César. A apoteose da Rainha Ginga: gênero e nação em Angola. **Cerrados**, Brasília, v. 25, n. 41, p. 88-96, 2016. Disponível em: https://periodicos.unb.br/index.php/cerrados/article/view/25388. Acesso em 10 jun. 2022.

MAIA, Helder Thiago. Notas sobre donzelas-guerreiras, gênero e sexualidade em a Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa. **Mulemba.** Rio de Janeiro: UFRJ| v. 11, n. 20, p.74-96, jan.-jun. 2019.

MARCONI, Marina de Andrade, LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. Atualização João Bosco Medeiros. 8. ed. Barueri-SP: Atlas, 2022.

MATA, Inocência. Representações da Rainha Njinga/Nzinga na literatura angolana. *In:* **A Rainha Nzinga Mbandi: História, Memória e Mito**. MATA, Inocência (Org.). Lisboa: Edições Colibri, 2014.

MENDES, José Manuel O. O desafio das identidades. *In:* SANTOS, B. S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.

MOTA, Mirella de Lucena; BASTOS, Tarcísio Regis de Souza. A desigualdade social e de gênero na discussão da relação Estado e sociedade: expressões para o fenômeno da violência contra a mulher. *In:* **Anais do 16º Encontro Nacional de Pesquisadores em Serviço Social**. v. 1, n. 1, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufes.br/abepss/article/view/22709. Acesso em: 10 jul. 2023.

NETO, Agostinho. **Sagrada Esperança**. 10 ed. Lisboa: Sá da Costa, 1978.

OYÈWÚMI, Oyèronké. Family bonds/Conceptual Binds: African notes on Feminist Epistemologies. Signs, v. 25, n. 4, **Feminisms at a Millennium** (Summer, 2000), pp. 1093-1098. Tradução para uso didático por Aline Matos da Rocha.

PAREDES, Margarida. **Combater Duas Vezes, Mulheres na Luta Armada em Angola**. Vila do Conde: Editora Verso da História, 2015.

PAULO, Mayara Gonçalves de**. Linhas e entrelinhas no desenho da identidade em literaturas africanas de expressão portuguesa**. Tese Doutorado – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2021.

PEREIRA, Elaine Cristina Andrade. **As Rainhas angolanas na literatura pós-independente:** uma análise das soberanas Lueji, na obra de Pepetela e Ginga, na obra de Agualusa. Belo Horizonte, 2019.

PINTO, Alberto Oliveira. Representações culturais da Rainha Njinga Mbandi (c.1582-1663) no discurso colonial e no discurso nacionalista angolano. *In:* **Estudos Imagética**, coor. Célia Cristina da Silva Tavares e Maria Leonor Garcia da Cruz. Rio de Janeiro, UERJ/CH-FLUI, 2014.

POUND, Ezra. **ABC da literatura**. Tradução de Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1997.

REIS, Maria. **Úrsula** (1859). Florianópolis: Editoras Mulheres; Belo Horizonte: PUC Minas, 2009.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

ROY, Arundhati. **O deus das pequenas coisas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth. **Gênero patriarcado violência**. 2. ed. São Paulo: Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo, 2015.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo: SESI-SP, 2015.

SANT'ANNA, Jacqueline Britto. O discurso poético de Noémia de Sousa: resistência, poder e subalternidade. **Kalíope,** v. 5, n. 10, 2009: Disponível em: http://revistas.pucsp.br/index.php/kaliope/article/viewFile/7472/5456. Acesso em: 20 fev. 2024.

SHAKESPEARE, William. **Muito barulho por nada**. 1598. Disponível em: https://www.ifmg.edu.br/conselheirolafaiete/noticias/anexos-noticias/fabiana-3-ano-2.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.

SIDRIM, Rejane Jorge. **O passado presente no romance de Agualusa:** História e literatura nos limites da ficção. João Pessoa, 2019. Dissertação de Mestrado – UFPB/CCHLA.

SILVA, Gilson de Moura Genuino da. **A identidade negra e feminina no romance A Rainha Ginga, de José Eduardo Agualusa**. 2020. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Ensino de Língua Portuguesa e Literatura) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

SILVA, Mariana Alves da; MAIA, Helder Thiago. Gênero, sexualidade e nação: a Rainha Ginga entre o esquecimento e a invenção do mundo. **Pontos de Interrogação**, v. 10, n. 2, jul.-dez., p. 165-186, 2020. Disponível em: https://revistas.uneb.br/index.php/pontosdeint/article/view/10844. Acesso em 10 jun. 2022.

SOTUNSA. Mobolanle Ebunoluwa. Feminism: The Quest for an African Variant. **The Journal of Pan African Studies**, vol. 3, n. 1, 2009, p. 227-234. Tradução de Luana Cristina Muñoz Roriz. Disponível em: https://filosofia-africana.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/sotunsa_mobolanle_ebunolwua_-_feminismo._a_busca_por_uma_variante_africana.pdf. Acesso em 10 jun. 2022.

SUNGO, Marino Leopoldo. Capítulo 5: Angola, caracterização e história de formação do país**.** *In:* **Kadila: culturas e ambientes: diálogos Brasil-Angola.** Org. de Ilka Boaventura Leite, Cristine Gorski Severo. São Paulo: Blucher, 2016.

UNESCO. **Njinga a Mbande, Rainha do Ndongo e do Matamba.** Série UNESCO Mulheres na História de África. Iniciativa financiada pelo governo da República da Bulgária. Especialista da UNESCO responsável pelo projeto: Sasha Rubel. Publicado em 2014 pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e a Cultura (UNESCO). Disponível em: https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000230931/PDF/230931por.pdf.multi Acesso em 10 jun. 2022.

WALKER, Alice. **In Search of Our Mothers' Gardens:** Womanist Prose. San Diego: Harcourt Brace Janovich, 1983.

WOOD, Gary W. **A psicologia do gênero**. São Paulo: Editora Blucher, 2021.

WOOLF, Virginia. **Um teto todo seu (1929)**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.